

Homo Academicus Em
discurso directo

Luís Grosso Correia

Estudos em Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos
Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, p. 29-57

Homo Academicus Em discurso directo

Luís Grosso Correia *

O presente trabalho é o resultado da transcrição de parte da entrevista sobre a história de vida do Professor Doutor Luís António de Oliveira Ramos, realizada nos dias 9 e 18 de Abril de 2002¹.

O trajecto aqui dado a lume diz respeito ao período de vida menos conhecido do Professor Luís de Oliveira Ramos, ou seja, aquele que antecedeu a fase em que o seu nome ganhou maior visibilidade a nível académico, político e social: o do seu reitorado da Universidade do Porto entre 1982 e 1985.

Trata-se de uma entrevista sobre a história de uma vida académica marcada, contemporânea e convergente com a história da própria Faculdade de Letras da Universidade do Porto. A perspectiva biográfica do trabalho será, posteriormente ampliada, através de uma abordagem etnobiográfica da narrativa aqui registada. Não consideramos a entrevista como um fim em si mesma ou um produto acabado, mas sim como uma matéria-prima, uma fonte de história imediata, que iremos integrar e desenvolver em trabalhos ulteriores².

O trabalho de preparação da entrevista foi facilitado pelas conversas prévias que tivemos com o nosso interlocutor, pelos dois *curricula vitae* que nos facultou e pela pesquisa das suas obras publicadas. Estes foram como que o *mapa* necessário para preparar e orientar a entrevista. Porém, a nossa finalidade era mais vasta, pois visava conhecer o *terreno* que foi, até à presente data, a vida deste *actor social* na história recente da Faculdade de Letras, da Universidade do Porto, do ensino superior universitário e da vida política, cívica e cultural portuguesa. Interessou-nos conhecer, perdemos-nos a metáfora do *terreno*, os caminhos trilhados, os atalhos que estrategicamente seguiu, a orografia das paisagens, as cores, os aromas, os miradouros, os amores, os conflitos, os encontros e desencontros da sua vida, tendo sempre por referência axial as experiências e representações desenvolvidas ao longo do seu trajecto escolar e académico.

O Professor Luís de Oliveira Ramos foi, ao longo de toda a entrevista, igual à imagem que dele sempre fizemos desde o tempo de estudante: aberto, frontal, polido, cortês, sem reservas de qualquer espécie em relação aos assuntos abordados, de raciocínio claro e sintético e com muitas histórias para partilhar. Estas suas atitudes são aqui referenciadas para melhor se compreender o esforço científico desenvolvido no sentido de se superar o excesso de proximidade profissional e académica entre os interlocutores, o qual, avisados como estávamos pela literatura científico-

* Universidade do Porto, Faculdade de Letras

¹A entrevista foi gravada em três MiniDiscos com um equipamento digital da marca Sony, modelo MZ-R5ST. O tempo aproximado da entrevista foi de 290 minutos. A transcrição da mesma foi realizada pelos estudantes da FLUP Márcio Oliveira e Sara Antas. A revisão da transcrição foi feita pelo entrevistador.

²Apresente entrevista marca, simbolicamente, o início dos nossos trabalhos de estudo histórico-educativo do ensino universitário português, domínio de investigação que desejamos desenvolver em futuros trabalhos. Daí que, combinando a oportunidade desta homenagem com os nossos objectivos de investigação, nos tenhamos decidido pela entrevista como melhor metodologia para abordar a história de vida de um dos mais destacados académicos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, refundada pelo Decreto n.º 43.864, de 17 de Agosto de 1961. Poder-se-ia analisar a entrevista à luz de várias utensilagens metodológicas (como a análise de conteúdo, por exemplo), mas esse não é o nosso propósito, nem este é o local indicado para semelhante trabalho, pois o momento é de homenagem.

metodológica da especialidade, poderia toldar ou enviesar o objectivo e o conteúdo da nossa investigação. Fomos, assim, encorajados a abordar o indivíduo concreto e não um outro sincreticamente apreendido ou cientificamente construído no espaço teórico das relações de identidade e diversidade de que, pela regularidade das propriedades comuns, poderiam caracterizar outros indivíduos³.

Procurámos, através da entrevista, descobrir o percurso académico do Professor Luís de Oliveira Ramos desde a escolaridade pré-primária até à formação pós-graduada, em ordem a compreender de que forma ele *incorporou* e *inscreveu*⁴ na sua personalidade o saber, o saber-fazer, o saber-desenvolver e o saber-estar no quadro da Universidade portuguesa. O Professor Luís de Oliveira Ramos é, segundo a nossa avaliação, um desses casos raros em que se combinam as qualidades de *testemunha estratégica* e de *actor social* privilegiado para a análise da evolução do múnus do docente universitário, nas cambiantes da sua missão educativa, investigativa, cívica, política e cultural, desde a década de 1960 até aos nossos dias. Com ele aprenderemos que, tomando por referência a história da Faculdade de Letras da Universidade do Porto entre 1919 e 2002, «o passado é a caução e o garante do presente e a história perde o seu sentido *arqueológico* em proveito de uma reatualização perene, sustentada por rituais apropriados»⁵.

Pelas razões aduzidas, ousámos apelidar o Professor Luís António de Oliveira Ramos de *homo academicus*. Pelas mesmas razões, definimos a entrevista como a melhor metodologia de trabalho.

O resultado é o que a seguir se dá conta. Um trabalho a quatro mãos, em linguagem coloquial, a partir da forma mais básica e fundamental da comunicação humana.

Senhor Professor, gostava de conhecer os seus dados biográficos pessoais. Sei que nasceu em Braga a 7 de Maio de 1939 e depois, daí para a frente, foi uma grande aventura até ao dia de hoje.

Bem, foi um trajecto por vezes variado, por vezes mais monótono, Mas acontece que nasci em Braga, em casa do meu avô materno, professor do Liceu de Braga e grande proprietário rural. O meu pai era oriundo de uma família de proprietários, lavradores, da Maia, como se costuma na região dizer. Também professor de liceu, estava em Chaves como reitor, e minha mãe veio para junto da família, porque em Chaves estava naturalmente isolada. De maneira que nasci num ambiente com tradição no professorado liceal. Tenho tios, uma irmã, primos vários, e em diferentes gerações, que continuaram esse caminho - alguns ensinam no superior, quer na Universidade do Minho, quer na Universidade do Porto, como aconteceu comigo. Também passei por Lisboa, mas muito mais tarde. Bem... ao sabor das mudanças que o exercício do professorado então implicava, morei em Guimarães, onde brinquei muito no Castelo, próximo da nossa casa -um bom sítio para se apanhar ar. Depois fui para Coimbra, com muitas idas a Lisboa, por força das funções que o meu pai desempenhava em Coimbra, enquanto reitor do liceu normal (normal por causa do estágio), que na altura se chamava D. João III e agora tem o nome primitivo do republicano José Falcão. Foi aí que, de facto, iniciei os meus estudos... um pouco forçadamente, com cinco anos, porque não me confinava ao andar e tendia a vir para a rua, numa zona periférica da cidade, hoje quase central, mas na altura era periférica. Gostava muito de brincar, como gostava imenso de passar as férias grandes (como ainda hoje gosto!) na aldeia e no mar. Na Páscoa, visitava a casa de um tio, médico em Ermesinde, irmão do meu pai, que residia numa moradia com uma quinta adjacente. Vivi, ora na cidade, ora na aldeia, com uma passagem pelas praias, no tempo próprio, em Agosto ou em Setembro. Cresci numa casa cheia de livros e de alguém que escrevia e publicava regularmente, quer nos jornais quer em revistas conhecidas desse tempo, e, inclusive, tem alguns livros e ensaios editados pela Universidade de Coimbra - estou a referir-me ao meu pai. Desta maneira cresci numa ambiência entre o campo, com tradições ancestrais, e uma vida intelectual cidadina muito intensa, caras a meu pai, marcada ainda pela regularidade do ensino e do exercício de funções directivas.

³ A este propósito é de assinalar a distinção que Pierre Bourdieu faz entre indivíduos empíricos e indivíduos epistémicos (cf. BOURDIEU, Pierre, *Homo academicus*. Paris: Éditions de Minuit, 1984, p. 34-52).

⁴ Mobilizamos aqui a definição de *inscrição* e *incorporação* definida por Paul Connerton (cf. CONNERTON, Paul, *Cornos as sociedades recordam*, 2- ed., Óeiras: Celta Editora, 1999, especialmente p. 83-119).

⁵ Cf. POIRIER, Jean et alii, *Histórias de vida: teoria e prática*, 2- ed., Óeiras: Celta Editora, 1999, p. 29.

A sua mãe confinava-se ao espaço doméstico?

A minha mãe dedicava-se exclusivamente e a sério à educação dos filhos. Acompanhou sempre o meu pai nas suas andanças, desde os Açores até à Covilhã, passando por Chaves, por Coimbra, enfim, por todo o lado. Finalmente instalaram-se em Braga, sua terra de origem.

A sua mãe chegou a frequentar o ensino secundário?

Não, minha mãe estudou sempre em casa com as irmãs. Tinha cinco irmãs e estudaram sempre em casa, porque viviam fora da zona urbana da cidade, em Braga. Um grupo de professores ia lá a casa ensinar-lhes aquilo o que as meninas aprendiam naquele tempo: Português, Francês, Liores, Música, História...

Mas chegou a autopropor-se para fazer exames do ensino liceal?

Não, nunca. A minha mãe era uma pessoa culta e muito avisada, mas isso resultou de boas leituras e de um excelente ouvido. Além de boa conversadora, tinha um grande sentido de humor. Provinha, pelo lado do pai, de uma família não só de grandes proprietários rurais mas também de políticos que fundaram a República. Viveu em Lisboa boa parte da I República com um tio deputado e, em 1919, ministro. O seu mundo girava um pouco em torno destes eixos de memória, a que somava as vivências da carreira do marido, a mesma de seu pai. Simplesmente o meu avô, que eu saiba, nunca desempenhou lugares de direcção no Liceu de Braga, ou no Liceu Gil Vicente, em Lisboa, onde acabou a carreira, nem teve de procurar outras cidades para efectivar.

Mas, de qualquer das formas, não estava unicamente confinado à cidade de Braga?

Não, nós íamos com frequência a Lisboa porque, a partir dos meus três anos, o meu avô transferiu-se para o Liceu Gil Vicente na altura em que o primeiro dos meus tios entrou para a Universidade. Depois a casa ficou... eu próprio aí residi quando estudante em Lisboa...

Então é criado numa dinastia de professores?

Exactamente.

Sei que o seu pai, Feliciano Ferreira Ramos, nasceu em 1904. Não sei se ainda é vivo?

Não. O meu pai morreu em 1972, depois de estar cinco anos doente, com um problema grave, estava afectado por uma dislogia, resultante de ictus cerebral. Pensava bem, percebia tudo, mas tinha dificuldades em exprimir-se, quer dizer, as palavras não lhe ocorriam. Para um professor e escritor é terrível, não é?

O seu pai formou-se na Universidade de Coimbra?

Não, o meu pai formou-se aqui, na primitiva Faculdade de Letras do Porto. Trata-se de um dado importante porque tinha sido discípulo do Leonardo Coimbra, do Damião Peres, do Professor Hernâni Cidade, mas também de muitos homens, de que hoje se fala menos, como, por exemplo, Newton de Macedo, Aarão de Lacerda, Francisco Torrinha... Estudara Literatura e, ao mesmo tempo, História e Filosofia na primitiva Faculdade de Letras. Tal facto marcou-o profundamente. Integrava o núcleo conhecido dos antigos alunos da primitiva Faculdade de Letras. Quando se reunia com um ou outro, sempre se falava do aprendizado muito livre e estimulante recebido dos seus mestres.

Como foi o seu percurso académico? Sei que vai frequentar o ensino pré-primário em Coimbra durante um ano. Daí a curiosidade de dizer que foi estudante de Coimbra?

Exactamente. Comecei os meus estudos em Coimbra, primeiro na pré-primária do Colégio das Freiras da Conchada, que ainda existe, segundo me dizem, e depois no Colégio Antero de Quental, muito próximo da nossa casa e no caminho para o liceu. O meu pai deixava-me lá... Aí fiz a 1ª classe e muito bem. Tinha um bom professor, o Senhor Geraldo, de quem nunca mais ouvi falar. Portanto, fui um estudante de Coimbra [Risos] no princípio, ao contrário dos outros que costumam formar-se em Coimbra.

Começa pela base...

Começo pela base. Depois frequentei a 2ª classe na aldeia, em Marrancos, Vila Verde (Braga). Meu efectivo no Liceu de Braga... estava hesitante entre ficar em Braga ou vir para o Porto e, durante um ano, aproveitou a casa de campo do meu avô para tomar uma decisão. No ano seguinte optou, até por razões de saúde, uma vez que não passava bem na sua cidade, não é na sua cidade natal, mas é a cidade em cujo termo ele nasceu, em Folgosa da Maia, cujo extremo, dizem os velhos mapas, fica a uma légua do Porto. Eu não entendo bem isso, parece um pouco mais longe... Nessa

aldeia fica um dos apeadeiros da linha do Minho, o que lhe permitiu fazer os estudos no Porto utilizando, diariamente, o comboio. Saía de lá de madrugada e voltava à noite. Estudava sobretudo na hora do almoço e ao princípio da tarde na Biblioteca Pública; depois voltava a casa.

Disse que o seu pai estava hesitante em vir para o Porto. Por alguma razão especial?

Eu creio que por duas razões. Por razões de família: tinha cá os irmãos - se não no Porto, nos arredores, em Ermesinde e Folgosa da Maia. Em segundo lugar, porque o meu pai dizia sempre que a Biblioteca Pública do Porto fora o lugar onde aprendera muito do que sabia, embora dispusesse de alguns meios para comprar livros. Isso verifica-se quando se vê as datas escritas nos seus livros antigos, ainda existentes na biblioteca da nossa casa de Braga. Mas, segundo dizia, acontecia o seguinte: almoçava um pão comprido com qualquer coisa para ficar na Biblioteca a estudar. Por outro lado, com esse dinheiro comprava livros. Julgo que eram essas duas razões: a possibilidade de ter uma boa biblioteca à mão e a possibilidade de estar próximo da sua família. Nessa altura não viviam muitos familiares em Braga, pois tinham-se mudado relativamente cedo para Lisboa. As férias continuávamos a passá-las em casa do meu avô, onde o meu pai escreveu ou acabou de redigir, de resto, alguns dos livros, pois também trabalhava em casa durante o ano. Lembro tal facto desde os tempos de Coimbra. Era uma tarefa pesada, a da reitoria do liceu. Mesmo assim, quando vinha para casa estava sempre a trabalhar. Até à hora do jantar não fazia outra coisa. Antes de adormecer lia jornais literários.

Mas o seu pai, quando vai para Braga, não vai desempenhar a função de reitor do liceu?

Não, vai como professor regular. Depois chega a ser reitor do Liceu de Braga na sequência de uma crise no reitorado. Por isso começou como vice-reitor para, no ano seguinte, subir ao reitorado e, enfim, estabelecer um ritmo certo no funcionamento do Liceu, libertando-o de estabelecimentos anexos, sem razão de ser.

O que é que aprendeu com essa actividade intelectual e de direcção do seu pai?

Aprendi muito, por várias razões. Em primeiro lugar... grande parte do período final do liceu, a partir do 3^o ano, vivi com os meus pais e os meus irmãos numa quinta - ainda dentro do perímetro de Braga. O facto não dava margem para eu estar na cidade até muito tarde. Não dava margem para frequentar à noite, como muitos dos meus colegas, os cafés, os cinemas, ou isto ou aquilo, porque era longe e não havia transportes. Enfim, o tempo é frio, pelo menos até ao princípio de Junho e, portanto, ficava em casa. Li muito. Entre os 14 e os 25 anos. Quando estava em casa, lia tudo o que tinha à mão: comecei pelos romances, passei para a História, entrei na Filosofia, li os cronistas, li alguns dos autores clássicos, o que ia saindo e que o meu pai procurava comprar na sua área de especialidade. Ele gostava muito de Filosofia e de Literatura, mas também de História... Por exemplo, estava a sair a nova edição do Gama Barros, uma edição anotada que amplia o livro para mais do dobro. Meu pai leu-a enquanto os livros chegavam. Pela minha parte, como tinha, e tenho ainda, uma grande sede de leitura, acabava por ter muito tempo para ler. Cheguei à Faculdade de Letras com um cabedal de saber que poucos teriam. E que me foi muito útil... Lembro, por exemplo, (o facto está um pouco na base da minha carreira) que quando se discutiu Fernão Lopes na aula de História de Portugal Medieval, com o Professor Oliveira Marques, assistente da Professora Virgínia Rau, eu não só conhecia Fernão Lopes directamente como também conhecia os trabalhos mais recentes de António José Saraiva sobre o mesmo Fernão Lopes e possuía ideia segura do que pensavam outros autores. A partir daí, fui notado pois dispunha de uma série de leituras complementares que me permitiam intervir, não sei se com grande originalidade ou não, mas, pelo menos, sabia do que estava a falar - e não estava a falar propriamente em segunda mão. Além disso, o meu pai conversava muito, vivia o que estava a fazer, acreditava na sua profissão, e gostava de falar, sobretudo, de cultura. Assim, quer ao passear no quintal (uma reserva de meio hectare), quer à mesa, abordava os mais diferentes assuntos. Tudo girava à volta das suas preocupações intelectuais. É curioso, não se falava muito de política, salvo de política estrangeira, pois a família devia saber o que se passava no mundo de então.

Seria mais colorida?

Se calhar era aquilo que se sabia mais através dos jornais. Eu julgo que era um pouco isso. De maneira que falávamos de política estrangeira. Assinava jornais... É isso também me abriu horizontes. O facto de eu ter em casa uma boa biblioteca e de, às vezes, o meu pai trazer da biblioteca do Liceu livros que não tinha em casa, para eu ler foi excelente. A determinada altura tive a escuratina

e fiquei um mês isolado dentro do quarto - uma vez sem febre alta passei a ler e li o Fernão Lopes todo, entre outras coisas. Tinha 14 anos e li com gosto... Portanto, disfrutava de alguma propensão para a História, já nessa altura.

A vertente de intelectual e a vertente de administrador de uma escola do seu pai...

Bom... a verdade é esta: o meu pai não gostava de falar em casa do liceu propriamente dito mas isso acabava por acontecer. Enfim: ele reinava no Liceu, a minha mãe reinava em casa. Ele não queria ter preocupações nenhuma de gestão ou de opções no dia-a-dia familiar, queria estar livre. E, portanto, não gostava de viver dentro ou próximo do Liceu, como podia ter acontecido, nalguma circunstância. Gostava de viver, digamos, no lugar ambicionado - a sua quinta murada, fora da cidade. Mesmo assim, pelo que referia, via-se que tinha grande experiência de decisões.

Pergunto isto atendendo ao facto de ele, no início da década de 40, ter vindo a ocupar a reitoria do liceu D. João III. Era, no fundo, um dos reitores mais destacados no quadro do ensino liceal português.

Sim, mas nessa altura eu era muito pequeno. De maneira que não me apercebi de nada, senão que ele era a pessoa que mandava no liceu, mais nada. Agora em Braga, não. Há, evidentemente, uma experiência que fica. Mesmo as pessoas não querendo falar, sendo bons conversadores, acabam por contar histórias... se não à gente mais nova, aos familiares ou à mulher.

Também me contou anteriormente que o seu pai chega a ser sondado, talvez em 1966, para vir substituir aqui no Porto o reitor do Liceu Normal D. Manuel II.

Exactamente. O meu pai nunca teve vontade de sair de Braga. Apreciava viver em Braga e considerava-se um cidadão bracarense. Tinha ido lá parar por acaso. Soube que havia uma vaga em Braga... Os seus antigos professores e amigos, o Doutor Damião Peres e o Doutor Hernâni Cidade, na altura eram pessoas influentes, como o foram até morrer (passaram da Universidade do Porto para as Universidades de Coimbra e de Lisboa), deram-lhe uma carta de apresentação para o reitor do Liceu de Braga e foi contratado. Esteve lá daquela vez, depois foi fazer o estágio pedagógico, regressou a Braga e aí casou. Gostava de viver numa cidade pequena, desde que tivesse meios para trabalhar. Quando pôde, arranjou uma casa nos arredores - dentro da cidade, mas já na zona rural. E assim vivia... podendo estudar...

Parámos, ao nível da sua formação académica, na 2- classe da escola primária. E daí para a frente?

Dáí para a frente... na aldeia e depois na cidade de Braga continuei a frequentar a escola oficial. Alguém tinha convencido o meu pai que essa era a melhor solução. A senhora que me ensinou era uma professora distinta, mas demasiado bondosa. De maneira que, a partir daí, eu comecei a saber menos. Fui para Braga e o professor também considerado distinto no ensino primário, na minha perspectiva não tinha grande jeito para se saber moldar a cada aluno. O grosso da turma era constituído por rapazes das famílias operárias da zona. Havia três ou quatro rapazes que vinham dos meios mais elevados: dois formaram-se e poucos ultrapassaram o seu meio. Havia pouca gente das famílias gradadas da cidade. Imperava o sistema da vara, da régua e do berro como grande argumento para se estudar. Ora, eu confesso que em tempo nenhum gostei de ser mandado à força ou de estar comandado sem alternativa, de modo que se criou uma retracção natural. A partir daí, embora eu tenha feito o exame da 4^a classe com distinção, como quase toda a gente da minha roda, a verdade é esta: não era um aluno distinto. Depois fui para um colégio particular.

Mas chegou a fazer o exame de admissão aos liceus?

Fiz o exame de admissão no liceu de Guimarães, onde o meu pai fora reitor, onde um primo meu vivia com a família e também fazia exame nesse ano. O meu pai saíra há poucos anos de Guimarães, estava lá o meu primo com a mesma idade. Pareceu-lhe que seria um clima bom para os dois...

Foi uma estratégia?

Foi uma estratégia para criar um ambiente propício, porque realmente era um choque muito grande. Vinha de um ambiente escolar familiar, apesar das palmatoadas, de que eu nunca fui vítima - o meu pai não deixava bater nos filhos. Achava que se tratava um erro básico de então, não por protecção, mas por princípio. Subitamente ao clima paternal da escola primária sucedia a rigidez do liceu: havia o rigor dos horários, dos contínuos, daqueles professores antigos instalados, sobretudo numa cidade pequena, onde toda a gente se conhecia. Bom... depois entrei para um colégio par-

ricular em Braga. Aí foi deliberadamente... O meu pai não quis que eu fosse aluno de colegas que ele não apreciava ou com quem não se dava. Que eu saiba, não tinha más relações com nenhum colega... Então, fui para um colégio, em Braga, com esta particularidade: todos os indivíduos que lá estavam ou tinham mais de 13 anos ou não conseguiam entrar no liceu - que era acessível, apesar de tudo, enquanto o ensino particular era caro. Aí não tive maus professores, com uma ou outra exceção. Alguns deles não possuíam formatura, não pareciam docentes, mas eram pessoas competentes... Havia antigos seminaristas, havia indivíduos com meio curso na Universidade ou então que exerciam profissão liberal cá fora. Não tive maus professores, mas tinha uma série de colegas pouco estudiosos, de quem sou amigo ainda hoje, de quem tenho boas recordações... mas, realmente, reinava a cabulice [Risos]. Parecia mal estudar com aqueles matulões todos que se tinham atrasado na Primária. Em todo o caso alguns colegas venceram na vida, a tirarem os seus cursos. Depois, a partir do 2^o, 3^o, 4^o e 5^o ano, apareceram outros. Tal clima não era bom e também não gostei especialmente de lá andar, embora não haja nada de especial a referir. Em contrapartida, quando no 6^o ano entrei para o Liceu... porque escolhi Histórico-Filosóficas e devia estudar Grego, disciplina que só no liceu era ministrada... gostei imenso, agradou-me o Liceu. Já então conhecia boa parte dos estudantes desse estabelecimento, que funcionava junto ao Colégio, na mesma rua...

Eu não tenho recordações más do Colégio, mas deveras gostei de frequentar o Liceu. Até por isto: no 6^o e 7^o ano comecei a estudar só as matérias de que gostava. Por exemplo, eu nunca me entendi muito bem com a Matemática (embora tenha tirado uma nota muito alta, a melhor nota desse ano, em Lógica Matemática na Faculdade), mas a verdade é esta: no 1^o e no 2^o ano do Colégio tive um professor, coronel no Exército, com pouco jeito para ensinar, e que estragou tudo definitivamente. Aprendi Matemática para fazer o exame ao ouvir as orais dos outros, já no 5^o ano.

Depois entrei para o Liceu, fiz as disciplinas de Letras, acabei com distinção, obtendo dezasseis valores e entrei automaticamente na Faculdade. Há duas coisas importantes a referir: no Liceu as turmas não eram propriamente mistas, mas havia cadeiras em que o ensino era misto. Havia boas relações entre rapazes e raparigas. Fazíamos uns bailaricos, uns piqueniques, umas coisas que estavam na moda naquela altura. Tinha colegas de bom gabarito, acho que toda a gente da turma venceu na vida. Foi muito agradável, havia uma certa emulação entre rapazes e raparigas que tinham gosto pelos estudos. Foi bom em todos os aspectos.

Há um segundo dado que ia enunciar, mas queria fazer aqui um parêntesis para não deixar escapar esta sua formação liceal. Vai cursar a alínea d) do 3- ciclo liceal que tinha como saída a licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas. Como é que decidiu seguir essa alínea curricular no liceu?

Bem, eu decidi por duas razões. Em primeiro porque gostava de História e tinha facilidade em Filosofia. Meu pai tinha pensado em tempos formar-se em Filosofia, e só depois é que passou para Românicas. Eu gostava claramente mais de História do que de Românicas. Apesar de todos os rapazes da minha idade terem ido para Direito, eu fui para Letras, porque estava convencido, e o meu pai também, que tinha boas hipóteses de fazer um bom curso naquilo de que gostava. Eu não pensava ser professor universitário mas seguir a carreira diplomática. No meu horizonte não estava o magistério.

Mas quando é sopesou essa...

Muito mais tarde. Então pensava na carreira diplomática.

Então, quando acaba o 5^o ano do liceu e vai matricular-se no 6^o ano, não teve qualquer dúvida em saber qual a alínea curricular que queria?

Não. Sabia que era a alínea d)... de Histórico-Filosóficas, que obrigava a frequência de Latim, Grego, Organização Política, História, Filosofia e Literatura. Acho que eram estas seis cadeiras. De maneira que fui... porque por aí chegava à carreira diplomática da melhor maneira. Quem alcançasse catorze em Histórico-Filosóficas podia automaticamente concorrer, o mesmo sucedendo em Direito e, a partir de determinada altura, em Economia. Foi o caminho de muitos embaixadores que muitos julgam formados em Direito quando, afinal, são licenciados em Histórico-Filosóficas.

Teve também a sua primeira experiência de co-educação no 6- e 7- ano do liceu. Vai ter raparigas como parceiras de sala de aula. Isso não representou algo de inovador para si?

Não, porque nas férias eu dava-me com outras raparigas de famílias conhecidas que passavam o tempo de praia no mesmo lugar. A partir daí tornou-se mais regular.

Só pergunto isto porque disse que veio de um colégio particular onde estava habituado à convivência com rapazes.

Sim, não há dúvida nenhuma que é muito melhor uma situação de vida real. A situação de então era forçada. Num caminho normal: as pessoas devem viver, como afinal vivem em sociedade.

Só um aparte. Como é que se namorava no seu tempo de liceu?

Namorava-se normalmente, mas na praça pública, não é? [Risos]. No cinema, nas ruas das cidades, nas casas de chá ou nalgum café mais sossegado onde houvesse mesas vagas... onde se estudava, aliás. Lembro-me que quando fiz a licenciatura estudava com rapazes e raparigas, inclusive em casa de uma das minhas colegas, que é hoje professora catedrática. Tínhamos relações bastante desinibidas, mas não propriamente libertárias como o são no nosso tempo... Por exemplo, estou a lembrar-me de uma das nossas colegas que andava na altura deliciada com a Simone de Beauvoir - mas era mais teoria do que prática [Risos]...

Ia enunciar um segundo ponto que se prendia com o seu acesso ao curso superior de Ciências Histórico-Filosóficas. Um era o facto de ter estudado no liceu as disciplinas e ter cursado o que mais lhe interessava e, por outro lado, era o segundo ponto que ia enumerar...

Mas eu já lhe referi que foi devido à minha intenção de entrar na carreira diplomática.

Mas quando é que esse projecto começa a surgir? No final do liceu?

Sim, nessa altura eu interessava-me por duas coisas. Pensava na carreira diplomática, que era uma maneira de conhecer o mundo e, talvez devido a esse ambiente de atenção para com a política internacional existente em casa. E interessava-me por outra coisa, que era pela Marinha, pelos navios de guerra.

Isso era um *hobby**

Não. Era outra hipótese que eu punha. Simplesmente como eu era fraco a Matemática, foi coisa posta de lado, imediatamente.

Mas pensou ir para a Escola Naval?

Sim, mas a coisa nem chegou sequer a prefigurar-se. Ainda hoje gosto de saber coisas da Marinha. Acabei por ir parar à Academia da Marinha sem nunca ter feito nada de especial em termos de estudos sobre a Marinha. Mas acho que estou bem lá, porque ensinei, longos anos, História dos Descobrimentos e gosto de cobrar saber sobre a matéria. De vez em quando, faço as minhas comunicações.

Nessa altura, quando optei por Letras, fi-lo com a ideia de seguir a carreira diplomática. Entrava com os tais catorze valores automaticamente e depois importava *realizar* uma prova de protocolo.

Acabou o liceu com a classificação final do 7- ano de dezasseis valores, o que fez com que fosse dispensado das provas de aptidão à Universidade. Porque é que se vai matricular na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa?

Matriculei-me na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa por várias razões, mas a principal julgo que advinha da circunstância de haver uma casa de família em Lisboa. Eu costumava passar as férias com o meu avô e com as minhas tias e, assim, continuaria, de certa maneira, em casa. Era uma casa grande onde havia condições para trabalhar. Demais, um dos meus tios também frequentara Histórico-Filosóficas antes de ficar doente ainda muito novo e organizara uma boa biblioteca. Esta era a parte mais prática, digamos, mais acessível, em termos económicos, de ida para fora, a qual, nessa altura, pesava no orçamento de quem vivia de um ordenado de funcionário público. Por outro lado, havia uma tradição de família... Meu avô, os meus tios e o meu pai (numa fase de formação pedagógica) tinham andado em Lisboa. O meu pai, particularmente, soube-o através dos meus tios, dizia expressamente que eu devia ir para Lisboa para conhecer os novos métodos da História que nessa altura eram praticados pela professora Virgínia Rau e que, depois, vieram a ser ministrados também pelos Drs. Borges de Macedo e Oliveira Marques, que entraram para assistentes da Faculdade a partir do meu 2^o ano. De maneira que foi também uma escolha contra a História Política dominante em Coimbra. Embora o meu pai se desse particularmente bem com algumas pessoas de Coimbra, a começar pelo Professor Joaquim de Carvalho (decano da Filosofia em Coimbra e um grande republicano)... a verdade é esta: achava fundamental que eu me

especializasse em História numa escola de vanguarda.

Mais virada para os estudos da sociedade?

E da História Económica, sobretudo. Coisa que eu depois não segui. Fui o melhor aluno daquela altura, mas tive sempre a minha maneira de fazer História, muito influenciado pelos conhecimentos de leituras que realizava na área da Literatura, que me levavam mais para o campo da cultura e não para os temas predominantes na escola, isto é, na Faculdade.

Isso reflecte-se em trabalhos iniciais seus... pelo menos naqueles em que faz incursões ao nível de personagens de textos fundamentais da literatura Portuguesa.

Pois. A formação literária pesou; depois aconteceu o seguinte: quando me formei, o único lugar vago na Faculdade era o de assistente de Cultura Portuguesa, cadeira regida pelo Doutor Vitorino Nemésio, catedrático de Românicas. Mas normalmente o assistente deveria ser de outra área, segundo um acordo existente. Como licenciado em Ciências Histórico-Filosóficas poderia trabalhar como Assistente de um Professor de Românicas. No meu caso, como noutras situações, um assistente de História formado em Histórico-Filosóficas acompanha um professor de Românicas. Devo dizer que nos entendemos muito bem.

Que professores é que o marcaram na Faculdade de Letras enquanto aluno?

De uma maneira notória o grupo que aponte há pouco. A Professora Virgínia Rau, o Professor Borges de Macedo, o Professor Oliveira Marques, com quem fiz tese... sob a égide daquela Professora Catedrática. Apesar de não ser um assunto de História Medieval, ele era um assistente novo e que dirigiu, de facto, todos os alunos que nessa altura fizeram dissertação em História - o Baquero Moreno, a Iria Gonçalves, o Vieira de Carvalho... A Professora Rau arguiu depois as dissertações no acto de licenciatura.

Foi seu orientador por ser o professor que estava mais disponível?

Não, na altura ele e o Borges de Macedo estavam em situação idêntica. Simplesmente o Borges de Macedo era muito dirigista: o trabalho obedecia exactamente às regras por ele impostas e aos temas da sua preferência. Já doutorado, Oliveira Marques dava mais liberdade, inclusive na escolha de temas. Eu pretendi elaborar uma introdução à história do Liberalismo em Portugal, um estudo sobre heterodoxos, mações, jacobinos e leitores de livros proibidos no século XVIII...

A tese de licenciatura que fez é um prenúncio da área onde se vai destacar mais tarde como académico? Apesar de ter tido muitas derivações ao longo do seu percurso...

As derivações resultam da força das circunstâncias, de conferências que nos pedem e de coisas que somos obrigados a estudar. Mas o ponto base é esse. Eu tenho duas ou três grandes investigações, uma à volta dessa gente e do tema conexo Portugal e da Revolução Francesa, outra à volta de uma figura, o Cardeal Saraiva, porque não me deixaram fazer a tese sobre Portugal e a Revolução Francesa. Então, contornei a proibição e estudei um homem que realizou o percurso do Antigo Regime para o Liberalismo. Um homem que até aos 54 anos foi um monge beneditino e exerceu toda a sorte de funções de serviços dentro da ordem. Plebeu, entrou na ordem porque cantava bem, sabia tocar órgão e cantochão. A partir dos 54 anos, torna-se um político famoso. Membro da Junta de 1820, chega a regente do reino no ano seguinte. Depois ascende a reitor da Universidade e bispo de Coimbra. A seguir, com o regresso do absolutismo, vai para o exílio na Batalha. A seguir volta à cena pública, regressa ao Parlamento, para de novo o presidir. Com o Miguelismo vai preso seis anos para o Mosteiro da Serra d'Ossa. Depois é tudo quanto se pode ser: Ministro, Conselheiro de Estado, Guarda-Mor da Torre do Tombo, membro de variadíssimas comissões, vice-presidente da Academia de Ciências e por último Cardeal Patriarca de Lisboa, quase a chegar aos setenta anos - trabalhou intensamente durante cinco anos. Portanto, é um liberal, é um homem da Igreja que fez um percurso a partir do advento do Liberalismo, até ao seu apogeu, na fase inicial.

Referiu também um terceiro pólo em que podemos centrar as suas investigações.

O terceiro pólo continua a ser principalmente no século XVIII e tem a ver com duas coisas complementares, uma é o Brasil do século XVIII, com o estudo de Frei Caetano Brandão, cujas visitas pastorais descrevem o Amazonas em pormenor. Ele viajou por todo o Amazonas em visita pastoral, mas tomava nota do que via em cada terra: apontava, inclusive, as perspectivas de desenvolvimento, relacionamento entre autóctones e autoridades... Enfim, o espiritual é um dos aspec-

tos a par de muitos outros.

Por outro lado, estudei um homem que trabalhou com Frei Caetano Brandão, enquanto exemplar arcebispo de Braga, lugar a que ascendeu pelos serviços prestados na Amazónia. O Procurador-Geral da Mitra de Braga, nessa altura, Inácio José Peixoto, possuía um diário secreto, que eu também prefaciei, a pedido do Professor Eiras Capela... Isso deu-me margem para estudar uma sociedade local nas suas relações com o mundo exterior. De facto, relata o que aconteceu em Braga e em Portugal e conta também o que se passa em todas os países do mundo da altura, já que lia gazetas. Visto que se tratava de um diário secreto, conta muita coisa importante, quer sobre a Braga daquele tempo quer sobre a situação na Europa, nomeadamente sobre a Revolução Francesa.

Do ponto de vista historiográfico essas temáticas eram ousadas para a época?...

Sim, isso trouxe até algum dissabor. Em primeiro lugar, não tratei de história económica, que estava na moda. Segundo, tal como vem no prefácio da História da Maçonaria, de Oliveira Marques, eu fui a primeira pessoa que, digamos, me meti a fundo nos arquivos da Inquisição à procura de maçãs. Não tenho nada a ver com a Maçonaria em si, mas interessavam-me esses homens pela sua influência política, pelo que fizeram, muitas vezes, fora do que se decidia na própria loja... num espírito de tolerância e fraternidade, de leitura aberta, num espaço de convivência. Depois estudei também os jacobinos nos arquivos da Intendência Geral da Polícia. Estudei os livros proibidos pela Mesa Censória e a literatura dos chamados homens das novas ideias: desde Verney, passando por Ribeiro Sanches, para chegar a Cavaleiro de Oliveira, aos precursores do Romantismo - José Anastácio da Cunha, Marquesa de Alorna, Bocage, Filinto Elísio, etc

No fundo, interessava-me a Revolução Francesa e a cultura do Iluminismo, ou da Ilustração, como costumam dizer, movimento que lhe subjaz. A seguir vem o Cardeal Saraiva, homem que fez esse percurso, educado numa congregação avançada, pombalista, em que a razão assume um papel primordial; a razão leva-o, assim como leva outros monges, a seguir caminhos livres. Isto é algo muito curioso porque os estatutos pombalinos são o texto mais dogmático que se pode imaginar. Simplesmente encomiam a razão... levando os que seguem esse mandamento a pensar livremente. Não no sentido democrático actual; os liberais não acreditam no povo; acreditam, sim, é na elite instruída, numa oligarquia, que tem um certo rendimento e uma certa educação.

Sentiu alguma vez dificuldades em desenvolver este tipo de estudos, quer na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, quer na Faculdade de Letras do Porto?

Na Faculdade de Letras de Lisboa ninguém me pôs dificuldades, ninguém. No Porto o Doutor Luís de Pina não gostava do tema *Portugal e a Revolução Francesa*. Assim, para obter uma bolsa de estudo impunha-se arranjar um tema que o Prof. Pina, Director do Centro de Estudos Humanísticos, aprovasse. Nunca usou termos desagradáveis, mas dizia-o claramente. Como, ao optar pelo Porto, perdera a minha orientadora de tese, a Professora Virgínia Rau, procurei adaptar-me às circunstâncias contornando... o problema.

Arranjou o Cardeal Saraiva como ariete.

Exacto. O Cardeal Saraiva, embora mal visto pela fama de maçã, sempre era Cardeal... [Risos]. Foi exactamente assim.

Mas não houve qualquer reserva de natureza intelectual ou até ideológica em relação ao tema? No Porto ou em Lisboa?

Posta a questão assim... Em Lisboa ninguém me pôs...

No fundo, estava a falar de liberdades.

Liberdades. Mas, enfim, a Doutora Virgínia mandava na sua área e dispunha de força e influência no mundo intelectual e no mundo oficial; embora não fosse política, tinha peso. O facto de não se intrometer na política era apreciado no Ministério.

Acaba, então, o curso de Ciências Histórico-Filosóficas...

Onde fruí de um ambiente de estudo muito bom. Convivi intelectualmente com uma série de colegas, rapazes e raparigas estudiosos, inteligentes, dados à cultura. Custou-me um pouco adaptar-me a Lisboa nos primeiros meses, mas depois integrei-me no ambiente da Faculdade de Letras. Apercebi-me da luta de facções entre professores que remontava aos choques entre Adolfo Coelho e Teófilo Braga e chegara aos meados do século, camuflando problemas de relações pessoais e de conquista de poder.

Mas isso verificava-se mais no Porto ou em Lisboa?

Em Lisboa, claramente. Como aluno nunca o senti, fui sempre bem tratado por toda a gente. Um professor, que não citei, exerceu grande influência na minha maneira de pensar: refiro-me ao Professor Vieira de Almeida, catedrático de Filosofia. O mesmo aconteceu com o seu assistente, Rogério Fernandes, com quem estudei filósofos actuais, como Mounier ou Sartre. Também recordo o professor de Filosofia Antiga, Dr. Ribeiro Soares, que obrigava ler os pré-socráticos e Platão. Deles guardo recordações imperecíveis.

Os princípios de emulação entre os alunos mantinham-se?

Mantinhavam-se, mas as pessoas respeitavam-se e ainda hoje se respeitam umas às outras.

Havia uma certa etiqueta nessa emulação?

Havia respeito, sobretudo. Havia o grupo de Filosofia (alguns preferiam a Filosofia, outros a História) e havia depois o grupo que optou pela carreira diplomática. Mas, para além desses grupos organizados, as pessoas respeitavam-se, como se verificou ao longo da vida. Posso dizê-lo e isso viu-se, de uma maneira geral, ao fim de 40 anos.

No Porto sempre me dei com toda a gente. Procurei manter-me acima das facções, como ficou provado quando da minha candidatura a reitor, que toda a Faculdade apoiou. Bem sei que foi um acto estratégico da Faculdade, naquela altura, empenhada no acesso a um lugar na Reitoria à medida da sua dimensão...

Podemos voltar a Lisboa? É convidado para Assistente da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa num ano particularmente quente.

Na altura do convite não era nada quente, pelo contrário. O ano de 1961/62 estava a acabar, com aulas a funcionar com regularidade, um ano absolutamente vulgar. Em finais de 1961 inaugurou-se a nova Reitoria da Universidade de Lisboa, um edifício fantástico, mais a Cantina, decorada por Almada Negreiros de forma espantosa. Além disso, a Cantina era servida, mal servida, pela mais requintada pastelaria do Chiado; Marcello Caetano dera-lhe a concessão, mas a comida não agradava aos estudantes; talvez para senhoras de idade não estivesse mal [Risos], Durante o acto da inauguração da Reitoria o Doutor Nemésio perguntou ao Doutor Oliveira Marques se ele lhe indicava um assistente. Eu estava entretanto a fazer provas de licenciatura que duraram, nessa época, até princípio de Dezembro. Já se andava a pensar nisso. A Doutora Virgínia Rau escrevera uma carta a meu pai (agradecendo e retribuindo uma oferta de livros), onde afirmava que tencionava convidar-me para assistente.

Na altura o problema que se punha era arranjar dinheiro, como agora acontece, para contratar mais um. Lembro-me de ter ido à Faculdade ver os horários. Por eles verifiquei que só existia uma vaga de assistente na cadeira do Doutor Nemésio. Pelos vistos não havia qualquer candidato à vista. Inquirido o Doutor Oliveira Marques por aquele catedrático, este indicou-me o meu nome e, nesse mesmo dia, o Professor Nemésio falou com a Doutora Virgínia Rau, a cujo grupo eu pertencia. Ela disse-me que já tencionava convidar-me - dizia-o há muitos anos. Dias depois terminei as provas de licenciatura e afixadas as notas, aquela catedrática chamou-me e convidou-me. Entrei para assistente de Cultura Portuguesa para trabalhar com um professor desconhecido. Por acaso, nem sequer lera o *Mau tempo no canal* e os seus escritos existentes na biblioteca familiar...

Para **um** apaixonado nela Marinha...

Há coisas inexplicáveis. É tão inexplicável não ter lido nada até essa data deste grande da literatura, como parece inexplicável eu ter sido assistente de Vitorino Nemésio. Bem... comecei imediatamente a assistir às aulas teóricas, pois não fazia a mínima ideia do que Nemésio tratava nas aulas de História da Cultura Portuguesa. Não fora seu aluno e a cadeira funcionava pela primeira vez sob a sua regência.

Era mesmo assistente.

Tinha mesmo de assistir. O Professor pensava o que intuía e sabia sobre a matéria. Ao tratar a cavalaria medieval... o Doutor Nemésio ora podia falar dos ideais da cavalaria medieval, dos cavaleiros na literatura, ora podia fazer uma digressão acerca dos campinos do Ribatejo, os últimos cavaleiros dos tempos modernos. Homem muito inteligente, muito culto, muito erudito, funcionava por associação, e estabelecia as ligações mais inesperadas. Para mim, tal experiência de trabalho

revelou-se fora do comum, por quanto funcionava como contraponto cultural da uma formação muito positivista na Filosofia e muito economicista na História.

Esta História da Cultura Portuguesa, orientada pelo professor Nemésio, foi um grande desafio?

Foi um grande desafio e um desafio fundamental. Nesse ano, entrei para assistente no dia 12 de Março e parece que foi no dia 19 ou 21 que começou o Dia do Estudante e nunca mais houve aulas. Se houve aulas, decorriam com um aluno ou dois, o que obrigava a cumprir esse tempo lectivo. Ainda assim, dei matéria de História... os textos de Alexandre Herculano, de Oliveira Martins, de António Sérgio e de Jaime Cortesão sobre as origens de Portugal. O Doutor Nemésio deixou-me escolher. No ano seguinte, não me lembro já qual o primeiro ponto do programa. Existe algures em casa. No segundo ponto pôs-me a dar um assunto muito curioso: a comparação entre a projecção, na literatura, do Minho e do Alentejo, precedida de um estudo etnogeográfico.

Um pouco na esteira dos estudos de Orlando Ribeiro?

Começava-se por definir o quadro geográfico com Orlando Ribeiro, depois passava para a caracterização de Jorge Dias, em termos de antropologia, sobre o modo de ser e viver dos alentejanos e dos minhotos, e finalmente viam-se as repercussões na literatura. Deu-me trabalho. Para o Alentejo há uma antologia muito bem feita, que deveria ser republicada, de Urbano Tavares Rodrigues, que tem os textos fundamentais: desde o Conde de Monsaraz até aos mais actuais, passando pelos homens do princípio do século... É uma antologia exemplar. Para o Minho a antologia existente pareceu-me fraca. Tal facto obrigou-me a realizar uma vasta pesquisa. Além disso, trabalhava nos seminários de História dos Descobrimentos, com o Doutor Veríssimo Serrão e o Doutor Manuel Heleno, o catedrático, e de História de Portugal orientado pela Doutora Virgínia Rau, coadjuvada pelos doutores Oliveira Marques e o Borges de Macedo. Foi assim o meu primeiro ano lectivo, disperso entre o ensino das práticas de Cultura Portuguesa e a assistência nos seminários de História, onde os alunos preparavam as suas teses de licenciatura.

No segundo ano, deram-me logo as regências da Antiguidade Oriental e de Numismática, inesperadamente. Eu sabia muito pouco de Numismática..., mas encontrei um programa com a ajuda dos colegas mais velhos - não com a dos catedráticos. Esses queriam que se desse a moeda dura e crua. Encontrei uma solução: dei história monetária. Regi essa cadeira por necessidade de serviço. Depois o saber revelou-se útil quando argumentei no concurso do Doutor Xavier Coutinho, um bom numismata, desconhecedor da história monetária.

Mas não continuou com a cadeira de História e Cultura Portuguesa? Sob a orientação do Doutor Vitorino Nemésio?

Continuei. Acumulei com as outras cadeiras.

Sentia-se mais aluno ou mais professor quando eclode o movimento de contestação?

Eu estava ainda a meio caminho. Tinha muitos colegas e amigos ainda estudantes, a começar pela minha irmã, aluna do 1^o ano da Faculdade. Sabia o que se passava nos lares pela minha irmã. Tinha um primo em Direito que me dizia o que se passava na sua Faculdade. Por outro lado, como me dava muito bem e fui sempre bem recebido pelos assistentes de então e alguns deles tomaram parte na vanguarda do movimento de contestação - homens como o David Mourão-Ferreira, Borges de Macedo, Oliveira Marques -, participei em todas as reuniões. Até visitei os estudantes em greve da fome ao lado de outros professores, alguns eminentes. Possuía informação e há, e ainda guardo, muita papelada de tal período, a papelada que corria. Nesse tempo acentuou-se a minha admiração, não só intelectual como pessoal, pelo Doutor Marcello Caetano... Conheceram-o em Braga, no falado Congresso do Portugal Medievo. Em 1962, impressionou-me a sua atitude na qualidade de reitor.

Mas, greves às aulas, manifestações, choques com a polícia, greves de fome, ocupação da emblemática Cantina... isso mexeu consigo?

Sim, estávamos convencidos que derrubaríamos o governo [Risos]. Mas a verdade é que estávamos longe disso, o governo permanecia bem estribado. Na província, com excepção de Coimbra e de poucas pessoas do Porto - entre as quais professores hoje, em exercício na Universidade -, a Situação permanecia relativamente calma.

Havia outros movimentos de inspiração política, ou político-ideológica, concorrentes

da influência do Partido Comunista nessas movimentações. Havia os designados humanistas leigos, por exemplo, os católicos progressistas...

Sim, a par dos comunistas figuravam estudantes que se ordenavam em torno do jornal *O Encontro*, cujo mentor era o depois bispo castrense, o Doutor António dos Reis Rodrigues, sacerdote deveras aberto, enquanto assistente da JUC [Juventude Universitária Católica].

Existe algo mais que o tenha marcado em Lisboa? As formas de trabalho, de organização do trabalho ou até de direcção de unidades orgânicas...

Sim, por exemplo, o trabalho de grupo que o meu curso realizou logo no 2^o ano, sobre a Peste Negra, e do qual eu, o Baquero Moreno e a Iria Gonçalves fomos os relatores escolhidos pelos colegas. A sua apresentação pública configurou um acontecimento na vida universitária. Foi a primeira vez que um grupo de alunos, levado pela mão de uma catedrática ilustre, Virgínia Rau, apresentou um trabalho colectivo num congresso internacional onde foi discutido. Fui o apresentador, enfrentando homens da Sorbonne, da Universidade de Madrid, da Universidade de Coimbra... Assumi talvez mais importância pelo clima de trabalho e de aprendizado em que se desenvolveu.

E era um estudo original.

Era um estudo original, porque praticamente pouco havia sobre a Peste Negra em Portugal: uma entrada no *Elucidário de Viterbo* do século XVIII, uma informação aqui, outra ali e um ensaio muito importante do António Sérgio. Havia ainda a tradição do ensino do Doutor José António Ferreira de Almeida, então professor da Faculdade de Letras de Lisboa, o qual chamara, em tempos, a atenção para o estudo da Peste Negra que se estava a fazer noutros países.

A revista *Population* sobre a Peste Negra, o respeito do assistente da Virgínia Rau, Doutor Oliveira Marques, por António Sérgio e o precedente magistério de Ferreira de Almeida foram decisivos na escolha do tema. Depois, existia um clima de diálogo entre alunos e professores na Faculdade, mesmo com professores conservadores, não todos, com quem não era possível entrar em discussão. Os professores estavam próximos dos alunos - talvez mais próximos do que actualmente estão aqui - numa Faculdade aberta e menos formalista do que a Faculdade de Coimbra.

Depois, ao realizar a tese de licenciatura fui super visado, não controlado... E exigia-se trabalho e resultados. Com outro mestre, qualquer indivíduo, melhor ou pior, acabava por fazer a tese que ele quisesse, porque ele lia e relia, mandava fazer outra vez... Eu não passei por isso.

Do ponto de vista docente, importante foi a ligação à História da Cultura, depois do neo-positivismo lógico e do economicismo dominante no curso. Durante a crise aprendi a conhecer as pessoas... Foi uma experiência maquiavelicamente extraordinária... [Risos]

Como assim?

Passei a conhecer não apenas a pessoa que está no pedestal, mas a pessoa tal como é nas suas fraquezas do dia-a-dia, embora a vida não se reduza à política, marcante durante a crise.

Mas, para si, foi uma boa lição do ponto de vista ético e moral esse período crítico da contestação?

Do ponto de vista ético ou da relatividade da ética condicionada pelas condições sociais. A relatividade das coisas veio muito à tona e impressionou-me enquanto indivíduo com outra formação. Levou-me depois, noutras situações complicadas, a ficar sereno. Aprendi mais em dois anos em Lisboa, no meio da crise, da barafunda [Risos], do que no Porto, durante estes trinta e oito anos de vida quase sempre calma.

Mas também tinha uma grande vantagem: era relativamente jovem e estava numa posição em que podia absorver...

Absorve-se tudo e é-se sensível a tudo, com o tempo fica-se couraçado frente às surpresas da vida.

Mas também, pelo facto, de estar numa posição de charneira... ao saber o que se passava do lado estudantil.

Óbvio, não é? Aliás, nunca tinha reflectido sobre isso, mas parece-me essencial conhecer as várias faces de uma questão, quando a vivemos.

Até em termos geracionais estava muito próximo...

Tinha-me formado naquele ano. Em termos de clima de trabalho, entre os mestres existia uma emulação no mau sentido. Demais, tive a sensação de que não tinha nenhuma hipótese de fazer carreira, a menos que morresse muita gente, o que, de facto, nem aconteceu [Risos], felizmente.

Passei para o Porto, continuei a manter relações com os vários grupos existentes na Faculdade, pois estava fora. Doutra forma, seria obrigado a alistar-me num dos «exércitos». Não havia outra hipótese.

Mas essas facções de que fala eram assim tão marcadas?

Eram, eram.

Mas qual era a linha de clivagem?

A linha de clivagem, em boa parte, era política. Em boa parte era de concorrência pelo controlo das poucas vagas, muitíssimo poucas, que havia. Tal situação, em qualquer lugar, seja qual for a política, vem ao de cima.

E como é que surge o convite da Faculdade de Letras da Universidade do Porto?

O convite da FLUP surgiu da maneira mais simples e por uma via inesperada. Eu gostava de vir para o Porto, conforme os meus colegas sabiam. Em Lisboa preparava o doutoramento, à espera de uma oportunidade. Aconteceu que, logo no segundo ano da minha estadia docente em Lisboa, em Outubro, o Doutor Ferreira de Almeida, que tinha vindo para o Porto nesse ano, apareceu na sala dos professores e disse-me: «Você é do Norte, não quer vir para o Porto? Eu meto-o lá». Eu disse: «O Doutor, não. Estou a preparar o doutoramento, já escolhi o tema»...

Peço desculpa. Estava a preparar o doutoramento em que área?

(Portugal e a Revolução Francesa)... «Já tenho programa», «Ah, mas pense nisso...». Fui para casa, pensei... Não sei se foi naquele dia se no dia seguinte, houve na Faculdade mais uma história que me fez lembrar o que aprendera no ano da crise.

Esse acontecimento foi significativo?

Não. Era um episódio normal, dentro da casa, de concorrência entre dois colegas mais velhos; não tinha a ver comigo. Mas também havia candidato ao meu posto, de que, na altura, não me tinha apercebido porque a pessoa nem sequer estava formada, formou-se dali a uns meses...

Pensei maduramente no assunto da transferência, fui ao cinema e depois, do próprio Cinema Tivoli... telefonei para o Professor Ferreira de Almeida e disse-lhe: « Senhor Doutor, estou interessado», «Bem, então vamos lá tratar disso», concluiu.

O Senhor Professor vivia sozinho?

Não, vivia em casa dos meus avós.

Mas já tinha compromisso com alguma rapariga?

Já tinha namoro com a minha mulher, desde o 3^o ano. A Maria Angelina frequentava Direito em Coimbra. Era do Norte e também lhe interessava residir no Porto. Não se importava de ir para Lisboa, mas, a possibilidade do Porto, era uma algo falado há muito tempo, e que devia ocorrer mais tarde.

Entretanto em Lisboa diziam-me: «Se você se for embora ninguém lhe dirige a tese». Bem,urgia ter cuidado, parecia uma aposta no escuro, mas, no Porto, ensinava o Doutor Ferreira de Almeida... A mudança demorou tempo. Ferreira de Almeida fez a proposta na nova Faculdade. Aqui havia pessoas que me conheciam ou que conheciam o meu pai, como o Dr. Sérgio Pinto... o Doutor António Cruz, director do *Diário do Norte* e da Biblioteca Pública, o Professor Luís de Pina ou o Dr. Ribeiro Soares, meu antigo professor de Filosofia Antiga em Lisboa..

Mas eram da geração do seu pai?

Mais novos um pedaço, salvo o Doutor Pina, responsável pela direcção da Faculdade. Resolve-ram informar-se... Por exemplo, houve quem interrogasse o Padre Avelino Jesus da Costa, de Coimbra, ou o director da Faculdade de Letras de Lisboa, o Professor Manuel Heleno. Uma vez este disse-me na Baixa: «Perguntaram-me o que pensava a seu respeito. Disse-lhes que se não me reformasse dentro de dois anos, não o deixava ir, de maneira nenhuma. Agora, enfim, vou-me reformar e depois de reformado não sei o que se vai passar cá». E as pessoas compreenderam... Em Lisboa usei um argumento verídico: a minha mulher, que se formaria em Direito no final desse ano, ia fazer os estágios no Porto para trabalhar com o pai em Barcelos. Mas, nunca chegou a fazer trabalho de barra. Aos tribunais preferiu a elaboração de pareceres como jurista da Comissão de Planeamento na área do Direito do Urbanismo e do Ambiente. Depois do casamento, concluiu os estágios com algum sacrifício, sobretudo, a partir do momento em que nasceram as minhas filhas. Temos quatro filhas... Quer dizer, em Lisboa, usei o argumento familiar, que apesar de tudo tinha peso e era verdadeiro. A minha mulher não tencionava propriamente trabalhar com o pai, mas

tencionava exercer a profissão, como notária ou jurista.

Mas havia algum aliciante do ponto de vista de carreira em relação à Faculdade de Letras do Porto?

Havia dois aliciantes. Um, era a restauração da antiga Faculdade, a refazer...

Retomando a representação que o seu pai tinha...

Por meu pai um forte elo prende-me à antiga Faculdade. De maneira que uma das primeiras pessoas que visitei antes de vir para o Porto foi o Dr. Hernâni Cidade, em Lisboa. Antigo Professor no Porto passara para Lisboa e, na altura, já estava reformado. Convidou-me para o visitar na sua casa de Azeitão, onde estava a passar férias, e contou-me como se tinha passado a instalação da Faculdade de Letras... Nos primeiros anos de vida a Faculdade foi muito criticada na cidade. Depois os ânimos acalmaram quando começaram a sair os primeiros alunos e a ficarem bem colocados nos concursos dos liceus, para dar aulas... Mas, uma das coisas que o Doutor Hernâni Cidade me disse foi esta: «O tempo se encarregará de escolher aqueles que são capazes de fazer carreira e os que não são». E assim foi. Por outro lado notou: «Só há uma maneira de o indivíduo se afirmar, é trabalhar bem, trabalhar exaustivamente e com qualidade. De maneira que é isso que lhe aconselho». Andámos uma tarde inteira a passear. Com setenta e sete anos, muito experiente, deu-me esse conselho, um conselho magnífico.

No Porto, tiradas as informações que entenderam, a proposta do Doutor Ferreira de Almeida foi por diante.

Não foram pedir informações à Polícia Internacional de Defesa do Estado?

Não, isso veio a saber-se depois. Tive dificuldades em Lisboa... pois sob a capa de *católico* era *esquerdista* e não podia exercer nenhuma função pública. O problema foi resolvido por o meu pai junto do Ministro da Educação Nacional, que me mandou prevenir pelo Doutor Justino Mendes de Almeida. O meu pai escreveu-lhe e ele resolveu o meu problema rapidamente.

Mas esse episódio de que está a falar verificou-se enquanto aluno?

Não. Quando eu meti os papeis para ser Assistente.

Mas a tal informação que a PIDE recolheu sobre a sua pessoa...

A razão, como eu vim a saber anos mais tarde, não foi, como cheguei a pensar, a candidatura a presidente da Assembleia Geral de uma lista democrática para a criação da Associação de Estudantes, mas a ida a casa do Professor Azevedo Gomes, então chefe da Oposição e um dos autores do programa da reforma e democratização da República, por sugestão de um professor da Faculdade.

Foi recomendado pelo Professor e ...

Fui recomendado e fui a casa de Azevedo Gomes com o professor Oliveira Marques. Através de uma carta, de Oliveira Marques ao Doutor Azevedo Gomes, a PIDE, que lhe vigiava a correspondência, tomou conhecimento desse encontro e do meu perfil. Por isso, a Polícia dizia ter «dados seguros» a meu respeito [Risos]. Quando eu vim para o Porto, a fim de evitar complicações, usou-se uma «cunha», do Dr. Baltasar Rebelo de Sousa, individualidade próxima do Ministro de então, Professor Galvão Telles... Graças a Galvão Telles ou ao seu Secretário de Estado, o meu processo foi despachado.

Mas por acção do seu pai?

Por acção do meu pai. O Dr. Baltasar era amigo do meu pai por relações de serviço. Foi o Dr. Baltasar que o nomeou reitor do Liceu de Braga para meter um pouco o liceu na ordem, reinava certo laxismo.

Enfim, tomei posse na Universidade do Porto. Quando me candidatei a uma bolsa do Instituto de Alta Cultura (IAC), o Doutor Luís de Pina disse-me um dia:.. «Eu não sabia que você... não era dos nossos», ou qualquer coisa assim... «Recebi este ofício onde se observa que não mostra propósitos de colaborar».

Devo dizer que o Professor Pina, enquanto responsável pelo Centro de Estudos Humanísticos do IAC propusera mais dois colegas para bolseiro, mas não entrou ninguém. Não quis, obviamente, fazer excepções...

Cortou rente?

Cortou rente, pronto. Não me prejudicou e quando saiu deixou um testemunho escrito nos papéis da Faculdade sobre o meu serviço. Foi absolutamente claro e sem reticências de espécie

nenhuma na notação do meu serviço. De resto, nunca deixou de me tratar de maneira positiva.

Mas naquele momento ficou chocado?

Naquele momento ficou chocado, porque era um convicto. Tem que se dizer em abono da verdade: ele acreditava na «santidade» do Doutor António de Santa Comba...

A bolsa era um instrumento importante na carreira?

Era porque... eu ganhava 3.200\$00,3.140\$00 com descontos, mais ou menos isto. Commaismum conto da bolsa... ficava deveras melhor.

E estava na cidade do Porto por sua conta e risco?

Exactamente. No primeiro ano pagava a renda da casa e vivia com o ordenado e o montante de uma regência, 1.100\$00 ou coisa por aí, feitos os descontos. No total, vencia 4.200\$00, a que no segundo ano, a partir de Fevereiro se somou a bolsa, anulada a pressão política, graças a um amigo da família da minha mulher, deputado influente... Naquela altura, os professores a par da situação ficaram todos surpresos... Alguém, hoje há muitos anos afastado do corpo docente, tempos volvidos, produziu uma observação menos elegante. Mas, devo dizer, nunca retaliou. Nunca retaliou, nem teve razão para retaliar. Eu dava o que ele mandava nas aulas e, pela minha parte, comentava como queria. Nunca ninguém me foi dizer: «O Senhor deve explicar o tema desta e daquela maneira». Por exemplo, em História da Expansão utilizei amiúde os novos livros e artigos do Doutor Magalhães Godinho, que na altura fora demitido. Usei as obras do Doutor António José Saraiva, quando entendi. Nunca ninguém me pôs restrições.

A sua situação na Faculdade de Letras da Universidade do Porto seria esta? - Tinha um quadro de carreira muito aberto, mas por outro lado sentia o ónus, nos seus ombros, de que tinha de fazer um trabalho, se calhar, mais seguro, mais certo ainda, porque tinha defraudado as expectativas do Professor Luís de Pina e de outros?...

Não. A partir do momento em que optei pelo Cardeal Saraiva, nunca mais houve problemas.

Também teve de fazer marcha-atrás em relação ao tema que tinha definido para a sua investigação. O tema mantém-se...

O tema mantém-se. Claro, tive de estudar o Cardeal Saraiva. Curiosamente, o tema trouxe-me obrigações para as quais não estava preparado. De facto, sabe-se, em pormenor, a sua vida monástica, mas torna-se difícil estudar o teor da maior parte das facetas da carreira política... Desapareceram documentos governamentais. Existem, é certo, as cartas, mas as pessoas não gostam de mostrar o que foi escrito a parentes seus. Ao contrário da família do Saraiva, que me abriu o arquivo privado. O mesmo sucedeu com os monges de Singeverga, completamente abertos em relação aos documentos adquiridos indirectamente à família, em tempos de dificuldades, no século XIX.

Mas quando é que amadurece essa linha de pesquisa? A partir de que ano mais ou menos?

Logo, comecei logo. Logo que morreu transitoriamente a hipótese da Revolução Francesa, optei pelo Cardeal Saraiva. Fui a Coimbra... o Doutor Lopes de Almeida, o catedrático da área, nessa altura, gostou do tema. Ele, que trata muito mal o reitorado do Cardeal Saraiva, na *História da Universidade*, disse-me: «Gostava de rasgar páginas que escrevi». Era um homem sério, possuía uma vasta leitura do século XIX, pesquisava nos arquivos... Era realmente um professor preparado.

Foi ele o seu orientador?

Foi o meu orientador até o Doutor Cruz se tornar catedrático. Nessa altura, o Doutor Cruz proibiu-me os contactos com Coimbra... Os outros também entendiam a situação... O Porto * dispunha de um catedrático de História e os assistentes da casa ficavam debaixo da tutela daquele que mandava.

Mas isso não se quadrava muito com a sua personalidade?

Eram as regras do jogo. A vantagem era esta: o Doutor Cruz não me dava instruções. Eu e o Doutor Cruz, mantínhamos excelentes relações. Porquê? Isto também é curioso. Quando ele fez o doutoramento (não gostando ele do Doutor Ferreira de Almeida, nem o Doutor Ferreira de Almeida do Doutor Cruz, eram como o gato e o rato) saíram-lhe vários temas dados pela Doutora Virgínia Rau. Um deles era este: *Revolução Francesa ou Revolução Atlântica?* Era o nome de uma comunicação ao Congresso de História de Roma que a Virgínia Rau colocava como tema nas provas de licenciatura. Outro era *O fim da Idade Média*. Ora bem, eu conheci a matéria porque a aprendi nas

aulas, porque tive de a estudar para as provas de licenciatura. O Doutor Cruz, sério na sua preparação... apareceu-me na praia, em Agosto, e disse-me: «Olhe, eu tenho aqui dois ou três pontos que foram dados pela Virgínia Rau».

Os temas eram sorteados?

Os temas eram afixados durante um certo prazo e sorteados quarenta e oito horas antes da prova, dispondo o candidato desse tempo para preparar o interrogatório de uma hora. O Doutor Cruz quando me procurou, disse-me o que entendia sobre tais temas. Pela minha parte, notei que para Virgínia Rau nada disso servia ou correspondia ao que ela pensava e exprimia nas aulas. Sobre o assunto, disse, tenho os apontamentos e os livros, tenha as duas coisas. Para entender *o tema Revolução Francesa ou revolução atlântica?* importava ler Jacques Godechot, que eu conheci pessoalmente, quando estive na Universidade de Lisboa a convite da Professora Rau. Quanto ao fim da Idade Média disse-lhe que ela dava o assunto num dos seus cursos, cujo teor sabia. A partir daí, como é natural, ganhei um amigo para sempre.

Apesar de ser assistente do Doutor Ferreira de Almeida.

Sim. Depois, quando o Doutor Cruz passou a deputado, eu substituí-o em História de Portugal. Escolheu-me para o substituir em História de Portugal. Eu dei o que ele decidiu, a saber: a sociedade portuguesa no século XVI. A matéria não andava, como hoje anda, bem tratada nos grandes manuais. Fui obrigado a estudar muitíssimo. Publiquei num manual alemão a súmula das minhas observações, bem mais tarde.

Era uma personagem única dentro da Faculdade de Letras, o Professor António Cruz? Assim como o Professor Ferreira de Almeida?

Completavam-se. Não em termos de feitos, nem em termos políticos, eram homens completamente diferentes. O Ferreira de Almeida não era político e muito menos era fascista. O Doutor António Cruz era um homem que tinha começado por ser da esquerda, apoiado e metido na imprensa da Universidade de Coimbra, porque tinha dificuldades económicas, pelo Doutor Joaquim de Carvalho, mas depois tinha evoluído, como muita gente, para o salazarismo. Dirigiu, durante anos, o jornal da União Nacional no Porto, o *Diário do Norte*. Mas, a verdade é esta: na Faculdade entrou toda a gente que aí está desse tempo, independentemente do que pensavam ou vieram a pensar, uns sem ele saber, outros sabendo... Neste aspecto fulcral, foi muito mais aberto do que algumas pessoas que têm fama de o ser...

Mas completavam-se...

Completavam-se. Um conhecia muito bem os arquivos do Norte, sobretudo, e o outro era um homem que sabia História Geral como ninguém, integrando no seu processo a história portuguesa.

O primeiro era o António Cruz e ...

O segundo o Ferreira de Almeida. Como ninguém conhecia a melhor bibliografia sobre os temas mais complexos

Também ajudei o Doutor Cruz quando ele fez as provas do concurso, poisurgia, em quarenta e oito horas, produzir uma lição completa. Ajudei-o eu e outras pessoas. Por acaso saiu um tema que tinha sido preparado pelo Doutor Cruz. Nunca mais o esqueceu e nunca mais falámos do assunto.

Era um dado adquirido.

É curioso porque mesmo depois de ele voltar à Faculdade após a Revolução, nunca mais falámos no caso. Foi coisa que acabou. Mas teve um peso decisivo, não tenho dúvida nenhuma, no estabelecimento de relações que me beneficiaram e beneficiaram o clima entre os docentes da Faculdade.

Na primeira parte desta entrevista falou, um pouco, do que tinha sido o seu percurso dentro da Faculdade de Letras. Foi professor de múltiplas disciplinas que recobrem diferentes períodos históricos da Humanidade. Não vou estar aqui a apresentá-las todas, mas há alguma destas áreas do conhecimento histórico que o tenha apaixonado mais, para além da sua área científica de origem?

Tenho de explicar um pouco o contexto em que aconteceu essa distribuição de serviço. Eu não tinha nem em Lisboa nem aqui qualquer possibilidade prática de vir a dar o assunto que tratei na minha dissertação de licenciatura, visto que havia professores catedráticos de História de Portugal e havia uma única cadeira de História de Portugal, onde também não havia qualquer hipótese de

chegar ao século XIX. Lembro-me, por exemplo, que a professora Virgínia Rau chegou ao século XVII no meu ano, o que foi considerado espantoso. Noutras universidades ficava-se, muitas vezes, pela Idade Média. Só existia uma cadeira de História de Portugal. O aluno aprendia, enfim, métodos, quando o professor era bom. De maneira que aconteceu-me aquilo que acontecia aos assistentes mais jovens: competia-lhes reger as cadeiras que os outros não queriam dar e conforme ia entrando mais gente a pessoa ia-se encaixando até atingir, eventualmente, o lugar para que estava preparado. Aqui no Porto quando cheguei as cadeiras que havia eram as Antiguidades. Eu não me interessava particularmente pela Civilização Grega, por falta de meios, muito menos me interessava, como em Lisboa, dar Numismática para a qual não tinha vocação e preparação. Conclusão: fiquei com História da Antiguidade Oriental, e continuei um ano mais com a Civilização Grega, uma cadeira difícil de dar, pois não faltam nem bibliografia, nem temas apaixonantes. Nessas cadeiras, as mais distantes dos meus pólos de saber, eu tive muito gosto no estudo e desenvolvi uma investigação mais aprofundada em História da Antiguidade Oriental, porque há o problema do mito, que é um problema eterno e uma chave para se compreender as civilizações orientais. A partir daí procurei explorar o assunto, caminho para a Filosofia, caminho para compreendermos fenómenos contemporâneos vários. Regi outras cadeiras por razões de serviço... Por exemplo, cheguei a dar aulas práticas de Arqueologia e aí, enfim, decidi estudar a civilização castreja, da qual eu não sabia nada. Foi uma boa ocasião entender o que se passava à volta da minha terra natal, desta cidade e em todo o nordeste peninsular. O facto de, às vezes, se dar cadeiras que não estão ligadas directamente ao nosso objectivo principal, leva-nos a responder a algumas das nossas curiosidades. Enfim, levei os alunos ao Museu de Guimarães, levei-os à Citânia de Briteiros. Não dispunha de projecções, senão através de livros e acontecia que, no meio dos alunos, estava alguém que sabia particularmente dessa matéria. Refiro-me ao depois Professor Carlos Alberto Ferreira de Almeida, nessa altura estudante, que tinha uma biblioteca esplêndida. Emprestou-me livros e, enfim, trabalhámos em conjunto a partir de uma determinada altura. Na passagem por muitas cadeiras nem tudo é negativo. Esse tipo de serviço, usava-se também para ver, por um lado, as capacidades das pessoas. Era o principio do *roulement*, julgado positivo... o indivíduo tinha que estar apto para dar uma cadeira qualquer numa emergência... ou então criticava-se o *roulement* dizendo que quem ensinava muitas cadeiras depois não tinha tempo, o que era verdade, para se especializar em determinada área. Isto era a parte negativa, aquela que mais tarde se acentuava, esquecendo-se as pessoas responsáveis, os mais graduados, pela dispersão a que o indivíduo era obrigado. Em regra, este fenómeno aconteceu com quase toda a gente, mas não aconteceu com todos. Houve gente que conseguiu ficar só na área da sua especialidade. Eu guardo o exemplo de uma colega de Faculdade que deu sempre e só, com alguma raríssima excepção... a cadeira de que gostava. Teve sorte. Quando veio o tempo de ensinar, na Faculdade, a cadeira de História dos Descobrimentos, afinal uma cadeira de História de Portugal, procurei que me nomeassem para a reger. A seguir surgiu a oportunidade de tomar a própria regência de História do Portugal Moderno e Contemporâneo. Por outro lado, também dentro das cadeiras gerais tentei e consegui saltar para a História Moderna e, depois do 25 de Abril, para a cadeira de História Contemporânea. Fui avançando ao longo dos anos no sentido das cadeiras que me interessavam. No entanto, pelo caminho dei aulas práticas de várias disciplinas e regi várias cadeiras, enfim, com todas as dificuldades que derivam de um primeiro estudo como professor, porque uma coisa é o que se aprendeu como aluno, outra, bem diferente, ter responsabilidades docentes. Dei muitas cadeiras que nunca tive, não existiam sequer no antigo curso de Histórico-Filosóficas e fui, inclusive, professor de História da Educação (aulas práticas). Também tive, com essa passagem, a vantagem de ler autores que de outra maneira não teria conhecido. Não dei por mal perdido o tempo em que exerci nesse domínio, mas, enfim, estou consciente da limitação dos meus conhecimentos. O enquadramento em História da Educação pertencia ao professor das aulas teóricas, Doutor Ferreira de Almeida, que também estava numa área distante das suas preocupações. Digo-o para se ter ideia da situação patente no Porto, mas também em Lisboa e em Coimbra. Ainda há dias falava com um colega modernista de Coimbra que deu História Romana, e foi assistente de Arqueologia uma data de anos... [Risos]

Dessas cadeiras todas, gostei muito de dar História Oriental e, depois, empenhei-me na História dos Descobrimentos. Na altura estavam a sair livros novos, como os do Professor Magalhães

Godinho... eu fui o primeiro a usá-los em Portugal, enquanto que noutras faculdades estudavam ainda pelo manual do Professor Damião Peres ou por estudos eruditos, que são evidentemente necessários. Nalguns anos havia matérias novas, assuntos desconhecidos que passavam a esclarecidos e era necessário fazer conhecer aos alunos. Em História de Portugal sucedeu o mesmo... Se se comparar a História de Portugal do primeiro ano em que ministrei a cadeira e o programa do último ano em que a regi... Vê-se que houve mudanças radicais graças à investigação e à teoria e métodos da história. Os estudos históricos desenvolveram-se muito.

Essas disciplinas, um pouco arreadas das suas áreas de interesse, nunca foram distratoras em relação ao seu firme propósito de se doutorar?

Não. Existia uma obrigação lectiva, mas também o dever de chegar à meta tão cedo quanto possível, até porque havia um prazo muito limitado. Eram seis anos e não havia tempo para grandes meditações. Por outro lado, se não era apetecível o vencimento de um professor assistente pior era o de um professor do liceu.

A carreira não era nada atractiva, então?

O início de carreira não era atractivo, o indivíduo estava na dependência dos professores mais velhos, tinha de fazer o serviço que lhe indicavam. Aqui no Porto ainda havia uma certa possibilidade de diálogo, de se dizer que não se podiam dar mais cadeiras. Eram mais compreensivos. Tratava-se de uma casa nova que funcionava com bastante abertura nesse aspecto. Afinal, as cadeiras tinham de ser dadas com as pessoas que havia.

E depois do doutoramento?

Eu lembro-me que depois do doutoramento tive uma conversa, talvez oito dias depois, com um professor de Filosofia, catedrático contratado, da casa, que me perguntou: «Então o que tenciona fazer?». E eu disse-lhe que tinha vários projectos em mãos e passei à sua explicação. A finalizar disse-me: «Já estou a ver que vai fazer carreira porque tem projectos». Comecei a preparar-me para produzir, no sentido de fazer currículo. Logo a seguir veio a Revolução. Doutorei-me em 1972 e a Revolução ocorreu em 1974, dois anos depois. Na altura, o grande problema era encontrar quem publicasse ou lugar onde publicar algumas das coisas que eu tinha escrito. Aqui na Faculdade estava tudo em ponto interrogação. Usei a revista *Bracara Augusta*, da Câmara de Braga, usei os *Anais do Alto Minho*, a Câmara Municipal do Porto... fui fazendo umas conferências. Também publiquei em Paris, nos Arquivos do Centro Cultural da Gulbenkian. Tentei... Quando depois fiz concurso, imprimi a lição a custas minhas.

Os canais de difusão da produção historiográfica...

Houve uma paragem, estava tudo em reforma, procuravam-se caminhos novos, viáveis. Nós criámos o Centro de História, criámos uma revista e as coisas melhoraram sensivelmente. A Faculdade começou a publicar as suas revistas e a partir daí nunca mais houve problema nenhum. Mas naquela altura, no espaço que mediou entre a conclusão de alguns trabalhos, que eu iniciara depois do doutoramento, e a ocorrência... houve um período em que era difícil colocar textos, descobrir editor e revistas da especialidade com saída previsível.

As outras Faculdades de Letras estariam melhor preparadas a esse nível?

Não sei o que se passava nas outras Faculdades de Letras. O que eu sei é que ninguém chegou primeiro do que eu a catedrático, em sítio nenhum. Isso é um facto. Talvez em Filosofia haja um caso de um colega de Lisboa que chegou primeiro a catedrático. Agora, nós aqui no Porto e os de Coimbra fizemos o doutoramento mais ou menos nas mesmas épocas, antes ou depois da Revolução, e chegámos todos a catedráticos no mesmo ano.

Não houve nenhuma combinação entre vós?

Não, até nos conhecíamos mal - é curioso mas foi mesmo assim. Isto prova (porque há pessoas das mais diversas formações e porque houve um período agitado) uma procura de caminhos, e um certo idealismo que ora se perdeu, ora se reforçou. Depende do que cada um fez e pensou. Sabe que, na vida universitária, há ondas, há fluxos e refluxos como nas marés.

Como é que viveu o 25 de Abril na qualidade de Professor Auxiliar da Faculdade de Letras? Que transformações é que se verificaram?

Houve mudanças radicais, algumas das quais já se perderam. Eu não estava em Portugal. Tinha sido convidado pelo governo do chanceler Willy Brandt, da Alemanha Ocidental, a fazer uma visita

de estudo a esse país, para conhecer as universidades alemãs. Portanto, fui a Munique, a Bona e a Berlim. A viagem acabava em Bona. Quando estava em Bona, discuti em casa do Embaixador muito do que se passava em Portugal, porque ele não sabia quase nada pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros. Eu sabia o que constava: estava iminente uma revolução, porque tratava-se da questão há umas semanas, desde a Revolta das Caldas; mas já antes disso falava-se disso à boca cheia, nos cafés de Lisboa e daqui. Em Lisboa era mais fácil o acesso aos jornais estrangeiros. O que eu sabia de exacto era o mesmo que o embaixador conhecia através dos jornais franceses, que tinham em Portugal bons correspondentes, ou através de alguns jornais ingleses.

O embaixador português em Bona vive numa casa esplêndida, que, salvo erro, pertenceu ao fundador da Siemens. Convidou-me para jantar - como era costume quando ia alguém ao estrangeiro, agora vai muita gente e já não há o mesmo cuidado ... Convidou também uma série de portugueses e estivemos a falar francamente, porque todos os presentes estavam convencidos de que ia haver uma revolução - era o que diziam em Lisboa. Conversámos até às duas da manhã, o que é contra todas as normas diplomáticas, visto que um indivíduo deve sair cerca da meia-noite da casa dos embaixadores. Fui às duas horas para o Hotel e logo às sete da manhã estava o embaixador a chamar-me ao telefone. Disse-me: «Senhor Doutor, já foi. Aderiram não sei quantos regimentos». Depois, segui na chancelaria da embaixada a evolução dos acontecimentos, conforme iam chegando *por faxes* de Lisboa (*faxes* que eles recebiam, é curioso sublinhá-lo, através de uma agência, de que a embaixada se servia para mandar notícias para Lisboa e não do Ministério dos Estrangeiros, que estava abandonado). De maneira que o embaixador não tinha instruções nenhuma e, logo nesse dia, decidi que ia pedir o reconhecimento do novo regime. Logo depois da Junta de Salvação Nacional aparecer nos ecrãs da televisão ele fui o primeiro embaixador a pedir o reconhecimento do novo regime. Na manhã desse dia 25 de Abril eu ia visitar uma fábrica têxtil e encontrar-me com um indivíduo qualquer dos sindicatos alemães. O meu guia, um português residente na Alemanha, veio ter comigo e disse-me: «As autoridades alemãs dão-lhe a escolher: ou fica na Alemanha, pede asilo político (se quiser ficar cá fica mais uns dias e resolvemos qualquer desses assuntos); ou então regressa a Portugal». Respondi: «Não tenho razão nenhuma para não regressar a Portugal» - entretanto fecharam os aeroportos -, «Quando houver avião regresso a Portugal, dado que a minha visita já está concluída. Sigo para Lisboa». E assim aconteceu.

Quando cá cheguei, não tinha acontecido nada de especial na Faculdade, mas nas vésperas do 1º de Maio (eu cheguei aqui para aí no dia 28 ou 29 de Abril), iniciaram-se as reuniões de professores, começou-se a falar em saneamento, começou-se a falar em novas contratações, em nova direcção para a Faculdade. Um grupo de professores foi a Lisboa pedir a nomeação do Doutor Oscar Lopes para director da Faculdade e a seguir ao 1º de Maio começou o processo revolucionário, que corria todos os dias na Faculdade.

O que é que a Faculdade ganhou? Ganhou alguns professores que, apesar de tudo, foram escolhidos com critério. Havia muitas propostas, inclusive de indivíduos que estavam fora do país, indivíduos que nem eram portugueses mas que queriam vir para cá. Das mais diversas nacionalidades... sul-americanos que estavam exilados na Europa ou não. Mas houve critérios, quer dizer, renovou-se o corpo docente, não veio para cá quem quis. Aliás, o próprio Doutor Oscar Lopes, às vezes, sobre pessoas das relações dele opinava com muita pertinência dizendo: «Mais vale este do que aquele».

Mas o que é que representou o facto de o Doutor Oscar Lopes ter sido nomeado director da Faculdade de Letras e de ter transitado directamente de um liceu de cidade para a Faculdade?

Como ele dizia na altura: «Atiraram-me a um tanque sem eu saber nadar». Ele não estava preparado. Era um homem que tinha vivido de lado e sem vocação para tarefas, já não digo de direcção académica, porque ele ia desempenhando as suas tarefas, mas para um lugar iminente político. Era a ponta de lança de um partido político a que ele pertencia. Coisa que toda a gente sabia e que ele não negava - pelo contrário, assumia. Como as secções passaram a ter grande independência, alguns professores foram afastados, outros entraram através das assembleias. O facto abriu perspectivas. Havia um grupo de alunos bons, nos primeiros anos e até nos anos mais adiantados, que desempenharam uma função de balanço. Alguns, homens ou senhoras politizados, sabiam muito bem quem eram os bons e os maus, na perspectiva epocal.

Houve evidentemente um ou outro descarrilamento grande... Houve pessoas que foram naturalmente saneadas porque tinham funções que as identificavam com o Antigo Regime e nele acreditavam. Numa altura em que não se admitia que pudesse haver pluralismo, só havia revolucionários ou não revolucionários, embora a liberdade estivesse sempre em primeiro lugar. Mas, é evidente, nos movimentos revolucionários há os nossos e os outros. Em princípio só há duas facções possíveis.

Mas esses saneamentos foram efectivos ou acabavam em reintegrações?

Não, aqui toda a gente foi reintegrada. Houve depois uma pessoa que acabou por nunca mais dar aulas: o Dr. Vieira de Carvalho, mas, numa primeira fase, não estava muito empenhado em voltar. Lembro-me que o convenci a não perder os vencimentos.

Então o Senhor Professor passou incólume a essa...

Eu não passei incólume. Fui julgado numa Aula Magna ululante e levei a Declaração Universal dos Direitos do Homem, sobre a qual tinha pronunciado um discurso na Assembleia Nacional. Estava lá tudo, só não estava o direito à greve. De resto, todas as liberdades estão lá. Além disso, perguntei se havia alguém cá na Faculdade, que a não ser ao ouvido da esposa, ou nos cafés em segredo, tivesse defendido a democracia por escrito, como eu a havia defendido. Também utilizava nas aulas autores que quase ninguém citava: Jaime Cortesão, António José Saraiva, António Sérgio e Vitorino Magalhães Godinho, por exemplo.

Quem me estava a inquirir era um aluno de Economia, pois pedi para usar o direito de defesa, quando me atacaram por ter sido deputado. Eis a razão da discórdia.

Isto numa aula sua?

Não, numa Aula Magna, com alunos de todas as Faculdades. Havia os de Letras e os de fora... Bem, os meus alunos davam ovações. Depois apareceu esse indivíduo de Economia... cujo nome ignoro...

Era o arguente, vamos dizer.

Era o arguente. Ele não sabia quem era o António Sérgio, nem o Jaime Cortesão nem outros intelectuais. Perguntou ao Professor Oscar Lopes se eles eram progressistas e o Dr. Oscar Lopes disse-lhe que sim [Risos]. Oscar que presidia. Foi um dia mau.

Simplemente os alunos, e os colegas primeiro, aconselharam-me a ir lá. E eu fui devidamente vestido de camisola... Quando pedi a palavra os alunos disseram: «Está aqui um colega que quer falar», porque eu era novito... E eu lá expliquei mais ou menos isto: «Quem defendeu publicamente a democracia vai para a rua, quem nunca disse nada fica porque entrou agora em jogo». E acabou, a partir daí nunca mais ninguém me tocou. Este acontecimento deu-se depois das férias grandes, em 1974.

Isso aconteceu no edifício da Faculdade?

Sim, no Salão Nobre da antiga Faculdade de Medicina. Uma sala que levava muita gente e estava cheia.

A então Faculdade de Medicina...

É a actual Biomédicas, edifício onde as Letras começaram a funcionar.

Não me arrependi nada de ter comparecido. Quem não deve não teme. E aí tive uma demonstração de solidariedade dos alunos. Sei quem foram e sei como é que as coisas se passaram - porque depois me contaram... Numa reunião qualquer também me tentaram sanear, mas alguém mostrou a Lei dos Saneamentos e a minha situação não estava contemplado. Com a argumentação que foi produzida também não conseguiram. Não sei se antes, se depois houve uma manobra política, aliás estimulada por um senhor, sucessivamente presente em partidos defensores da liberdade... Enfim, na altura queria mostrar serviço.

Seu colega na Faculdade?

Não. Era um aluno, um dos alunos mais velhos. De colegas não tenho nada a dizer, embora alguns que se davam muito bem comigo me tenham dito: «O Senhor Doutor vai ser saneado. É o que consta. Vá-se preparando...». Agora, nunca ninguém propôs, nunca ninguém votou, nunca ninguém me atacou. Pelo contrário, houve pessoas que me defenderam frontalmente. Essas coisas vinham a lume.

Mas nessa Aula Magna chegou a ser votado o seu caso ou a sua resposta foi suficiente?

Não, acho que votaram, já depois de eu ter saído, que me iam manter sobre observação, mais ou menos o que tinha feito a PIDE uns tempos antes. Mas enfim, o facto era assumido com o maior idealismo. Estava lá um futuro colega de História, que eu vi, na altura, entre os alunos do exterior. Após o seu doutoramento disse-lhe: «Sabe desde quando eu o conheço? Conheço-o desde o dia daquela famosa Assembleia Magna». Já não se lembrava. Tinha estado lá, no meio da barafunda, como esteve muita gente...

E eu apanhei uma data de ovações. Eles a partir daí desistiram porque eu tinha os alunos do meu lado, tinha o apoio implícito da esmagadora maioria dos colegas.

Saiu reforçado desse processo em termos de prestígio pessoal e em termos de afirmação...

Acho que sim. Houve muita gente que nos círculos universitários dizia que era indigno de um professor ir a uma Aula Magna. Acho o facto de ir a uma Aula Magna, onde estavam professores e alunos, normal naqueles tempos. Com os meus alunos falo em qualquer altura, tanto faz estarem a dizer bem como a dizer mal. Agora posso dizer isso à vontade porque o fiz!

E o seu passado de Deputado da Nação a partir de 1969? Como é que o Senhor Professor chega à Assembleia Nacional? Através de sufrágio...

Naquelas eleições, com o parco caderno eleitoral que existia, elaborado pelas autoridades, os que lá estavam inscritos e não eram muitos, vim a constatar, puderam votar como quiseram.

Nunca pertenci a nenhum partido, nem antes nem depois, era independente. Sabia claramente o que ia defender: ia defender a democratização do regime. Assumi o compromisso e tratei de ser coerente. Nesse aspecto, posso dizer, que o Doutor Marcello Caetano primou pela correcção... Considerou-me como antigo aluno da sua Universidade e considerou-me como deputado. Quando tinha de dizer bem dele dizia, porque ele dava suporte à política do Veiga Simão tanto quanto pôde. Veiga Simão foi uma escolha de Caetano e não de outro.

Como chegou à Assembleia Nacional?

É coisa fácil de explicar. Dentre os homens que rodeavam o Marcello Caetano, e, suponho, que também na família de Marcello Caetano, a começar pelos filhos que não eram salazaristas e de amigos que frequentavam a casa, pessoas muito próximas do antigo Presidente do Conselho, surgiu a ideia da necessidade de, por dentro, criar um grupo de pessoas que encaminhasse o país no sentido da democracia. Para o efeito, decidiram fazer entrar na antiga Assembleia Nacional, dentro das listas da União Nacional, um grupo de liberais. O grupo mais notório seria do Porto: integrava o Sá Carneiro, José da Silva, Joaquim Correia, Pinto Machado... Transformaram-se em pontas-de-lança; resolveram dizer publicamente porque aceitaram. Noutros distritos - não sei quem é que conduziu as coisas aqui no Porto - outras pessoas fizeram diligências idênticas para encontrar indivíduos que, enfim, dessem garantias de que teriam uma posição pró-democrática e não pró-salazarista.

O Governador Civil de Braga, Comendador Santos da Cunha, conhecia-me muito bem pelos problemas que tivera com a polícia, problemas que ele tentou resolver, sem o conseguir. Sabia que eu tivera problemas por aquilo que eu pensava e foi uma das pessoas que me disse: «Nunca escreva nada a dizer o que não pensa». Tem que se lhe prestar homenagem nesse sentido. Ele sabia claramente de que lado eu estava... e lembrou-se do seguinte: «Em vez de vir algum pára-queda de Lisboa ou do Porto ou alguém daqui da região que é amigo deste ou daquele, vou escolher eu os dois independentes». Foi buscar também um professor de liceu que, dizia-se, tivera problemas políticos... Ele também aceitou e entramos nas listas. Explicaram-me que se candidataria o Professor Miller Guerra, a Dr^a Raquel Ribeiro... os Drs. Magalhães Mota, o Dr. Tomás Almeida Dias... Havia, em quase todos os distritos, pessoas que, claramente, representavam essa tendência. Alguns, que não cito, mudaram, adaptaram-se ao correr dos tempos. Outro indivíduo que era claramente desse sector era o Presidente da Comissão Nacional do Ambiente, não sei se já era ou veio a ser, Eng^o Correia da Cunha. Figura importante, em Lisboa, a par do Magalhães Mota era o Dr. Pinto Leite, que morreu na Guiné. Tratava-se de indivíduos que tinham um propósito claro de falar, de dar a cara, de defender a democracia. Foi assim que eu cheguei à falecida Assembleia da República.

Ao Governador Santos da Cunha, primeiro disse-lhe que sim, depois disse-lhe que não. Depois ele garantiu-me que ia um grupo muito bom, deu-me os nomes; andei aqui a saber quem eram,

porque não os conhecia... Sá Carneiro pertencera ao grupo que defendera o regresso do D. António Ferreira Gomes, mas havia outras pessoas que estavam nesse grupo de quem nada sabia. Houve outros de que se falou que iam que não chegaram a ir, caso do Professor Sedas Nunes, por exemplo. Figurava pelos Açores Mota Amaral, o mais novo de todos...

Fui nesse grupo. Estabelecemos relações, passámos a fazer o nosso serviço... e, realmente, o grupo mostrou uma certa coerência. De facto, conheci outras pessoas que tinham fama de ser abertos, mas, no fundo, só pensaram em fazer carreira. Mal lhes deram uns lugarzitos, calaram-se.

Esse grupo de independentes, a chamada Ala liberal, como vai depois ser baptizada pela imprensa... Esses elementos encontram-se depois na Assembleia Nacional e começam a estabelecer...

Houve um grupo que começou mais cedo a encontrar-se porque as pessoas conheciam-se já, creio que de movimentos católicos ou qualquer coisa assim. Os dois deputados de Braga entraram depois para o grupo e reuniram com os demais primeiro no escritório do Correia da Cunha. Depois ele foi advertido por alguém do seu conhecimento que o escritório estava sob vigilância. Optou-se então pela casa do Professor Miller Guerra, Professor Catedrático de Medicina, psiquiatra, especialista em problemas da educação)... E encontrámo-nos e jantámos, às vezes, até com membros do Governo que estavam próximos de alguns membros da Ala Liberal, caso do Dr. Baltazar Rebelo de Sousa. Também dentro do Governo existia um sector com ideias afins.

Esta Ala liberal, à qual o Senhor Professor aderiu, vai sofrendo alguma erosão ao longo do mandato entre 1969 e 1973?

Houve algumas pessoas que saíram. Neste caso o primeiro foi Sá Carneiro, porque lhe limitaram o direito de expressão, e depois o Doutor Miller Guerra. E houve um grupo grande que entendeu que, na altura, não havia condições nenhuma para uma recandidatura. Houve outro grupo, mais pequeno, que entendeu que valia a pena continuar, embora quando se deu a Revolução, suponho, já ninguém alimentasse esperanças de que, digamos, a volta por dentro pudesse acontecer. Isto apesar de o Doutor Marcello Caetano ter dito claramente ao Doutor José da Silva, advogado no Porto, que, era inevitável a independência das colónias. Ele não tinha dúvidas sobre o facto. Não tinha era condições para exercício do mando. Não aproveitou a altura em que dispunha de força e prestígio, com o país ao seu lado, para pôr fora meia dúzia de indivíduos que afinal não fruíam de qualquer influência, como se viu. Tinham era lugares.

O Senhor Professor volta a ser reeleito em 1973. Pelo mesmo círculo de Braga, nas mesmas condições?

Fui, pelo mesmo círculo de Braga.

Como deputado independente?

Sim. Aceitei nas mesmas condições; continuei a gozar do mesmo estatuto. Isso aconteceu simplesmente porque, aí já não foi por influência de ninguém mas porque o Marcello Caetano e homens, como o Veiga Simão, que ainda estavam no governo tentaram que ficassem alguns. Dentro do próprio Governo havia um grupo liderado por um homem que foi Secretário de Estado e depois Ministro, o Dr. Silva Pinto, que dizia que se tinha que se retomar esse processo. Mas a verdade é esta: objectivamente, quando fui para a Alemanha em Abril de 1974 estava convencido que por dentro o processo não funcionava. Portanto, tudo acabaria numa revolução. Como ocorreria a revolução e a sua marcha não imaginaria, parecia-me imprevisível. Mesmo para um indivíduo que estuda revoluções uma nova revolução torna-se imprevisível.

Mas andava no ar a ideia de que estava para acontecer uma revolução, não se sabia era o modo?

Sim, aconteceria naqueles meses do fim do Inverno, princípios da Primavera. Não se falava de outra coisa.

Sentia-se isso na Assembleia?

Sentia-se e falava-se. Lembro-me que falando com um deputado de Aveiro, no dia 16 ou 17 de Abril, disse-lhe que ia no dia 18 para a Alemanha. Ele acrescentou: «Então não volta cá, se vai hoje para o Porto, não volta cá» [Risos].

O Senhor Professor é reeleito em 1973, dessa vez como independente pelas listas da então Acção Nacional Popular e não já pela União Nacional. Representou alguma mudança

de fundo esta nova designação do partido único?

Não, acho que não. A mudança de nome aconteceu mais cedo sob a égide de pessoas que, junto do Doutor Marcello Caetano, defendiam a liberalização do regime, pessoas do interior do regime, não pessoas de fora. Na prática ficou tudo na mesma, porque logo a seguir morreu o grande animador desse movimento, o Dr. Melo e Castro, e as pessoas que mandavam no fim do mandato estavam perfeitamente identificadas, até pelos lugares que ocupavam, com as perspectivas do Presidente do Conselho, pouco inovadoras. «Não era oportuno... mudar». Quando um político começa a explicar que não é oportuno fazer reformas já se sabe que o «não oportuno» quer dizer que não as vão fazer. Só que, por exemplo, para mim ou para qualquer outro da primeira fase, como funcionários públicos não convinha pôr a cabeça no cepo, isto é, provocar escândalo. (E eu nunca fui adepto dos escândalos). Tinha de esperar pela oportunidade para sair, aproveitando o concurso para professor extraordinário e a necessidade de me dedicar ao estudo. Já começara a pensar nisso, mas nunca falei disso a ninguém, porque aí a surpresa seria a base do êxito. Pessoalmente já estava convencido de que era inviável a abertura. Daí as posições assumidas, quer no discurso principal da campanha eleitoral, quer na Assembleia, em discurso sobre a *Declaração Universal dos Direitos do Homem...* Li a *Declaração* no *Diário de Lisboa*, vi que tinha uma parte muito importante sobre a educação. Pedi para falar da educação e dessa matéria parti para os problemas gerais, para as indispensáveis condicionamentos da paz e da democratização.

Quando é que isso aconteceu?

Foi em Dezembro de 1973. A *Declaração* fazia nessa altura vinte e cinco anos. Fi-lo para me defender claramente, porque urgia que as pessoas conhecessem os meus pontos de vista. Mesmo assim, convidaram-me para a Comissão Instaladora da Universidade do Minho e propondo-me uma promoção. Eu nem aceitei integrar a Comissão Instaladora, nem a promoção, por escolha - para marcar claramente (isso consegui sempre), estabelecer uma diferenciação entre a carreira académica, onde nunca entrou qualquer ponta de influência daqueles que estavam no poder, e o facto de eu ser deputado.

A promoção passava... ?

Passava normalmente por um concurso. Ali não seria assim: «Você entra para a Comissão Instaladora e será nomeado professor extraordinário; depois faz concurso para catedrático».

Da Universidade do Minho?

Da Universidade do Minho. E eu não quis, disse-lhes que não ia e anunciei aos colegas. Não aceitei.

Quería separar as águas de uma forma muito nítida?

Sim, de uma forma muito nítida para fazer a minha carreira normalmente. Houve muita gente na Faculdade, depois do 25 de Abril, que julgou que de assistente ia a catedrático; prejudicaram um pouco a progressão da carreira. Assim como havia muita gente na licenciatura, a quem faltavam duas ou três cadeiras, que julgou que ficaria dispensado de exame. Mas tal coisa não aconteceu só na Faculdade, verificou-se por todo o país.

Quais foram os momentos maiores na sua qualidade de deputado? Essa intervenção em Dezembro de 1973?

Não. Por exemplo, intervenção importante produzia-a quando se discutiu a mudança da Constituição. Sá Carneiro apresentou um projecto de lei de alteração da Constituição, para a transformar numa Constituição democrática. Fiz a defesa do projecto do Sá Carneiro. Nessa altura assumi uma claríssima posição. Na Lei da Imprensa tive uma intervenção chave a favor da liberdade de expressão. Ou, também, quando - foi uma fala muito breve - se discutiu a ratificação do tratado com Comunidade Europeia do Carvão e do Aço... Aproveitei o debate na especialidade para dizer que concordava com o tratado e esperava que essa ligação se alargasse a outras áreas. Por isso, muita gente pensou que eu não voltaria e eu próprio tive dúvidas. Mas depois, por causa do livro de Spínola e da permanência de Veiga Simão dei ênfase a esses temas na campanha eleitoral... Talvez o «milagre» acontecesse!

O Senhor Professor referiu que tinha, de certa forma, uma relação com os ministros que podemos considerar mais progressistas à época, como o Professor Veiga Simão, com a pasta da Educação Nacional. Essa ligação advém da sua qualidade de deputado da

nação ou...

De deputado.

E foi convencido por ele a recandidatar-se ou foi...

Não, não. O Doutor Veiga Simão continuava no Governo, isso foi uma das coisas que eu sempre disse: estava disposto a continuar a apoiar o Doutor Veiga Simão. Disse-o publicamente e escrevi isso - há coisas escritas e não só ditas. Conheci-o quando ele veio de Moçambique. E sabia que ele era um indivíduo muito inteligente e muito activo pelo Doutor Baquero Moreno, que trabalhara com ele em Moçambique... Chegou com as melhores credenciais e fez logo uma série de discursos sobre a democratização que gizou para o ensino.

Pelo menos utiliza a expressão *democratização de forma clara e aberta*.

Aberta, sempre. Era nessa base que nós seguíamos, baseado em Josué de Castro: para haver desenvolvimento era preciso educar.

Aderiu ao projecto de reforma do sistema de ensino proposto pelo Professor Veiga Simão em 1970-1971?

Sim, aderi e escrevi quando os temas foram discutidos. Usei da palavra e defendi a criação de Universidades com departamentos e não faculdades...

Sentia que era necessário descentralizar o poder a nível da Universidade?

A ideia era criar universidades que, digamos, tinham uma forma de trabalhar mais activa e mais aberta e que serviriam de acicate às universidades tradicionais, com estruturas muito rígidas. É certo que o projecto se realizado com os meios que existiam em Portugal não devia ir avante. Concretizou-se porque os professores que regressaram do Ultramar dispersaram-se por essas universidades; houve pessoas que mudaram de um lado para o outro, não muitas, mas algumas, e o processo acabou por ter sequência e êxito.

No seu currículo de académico também encontro aqui alguns cargos ligados a órgãos de gestão: foi Vice-Presidente do Conselho Científico em 1978/79 da FLUP, foi Presidente do Conselho Científico da mesma Faculdade em 1981/82, 1992/93 e 1996/98. Curiosamente, nunca o vi em nenhum cargo de gestão mais ligado ao Conselho Directivo, por alguma razão especial?

Tive bastante influência na escolha, até há muito pouco tempo, dos sucessivos presidentes dos Conselhos Directivos - desde os Professores Orlando Romano e Baquero Moreno até ao Professor Vítor Jorge, que convidei para Presidente do Conselho Directivo e exerceu brevemente esse cargo. A verdade é esta: sempre pensei que, um dia, seria presidente do Conselho Directivo da Faculdade. Sem embargo, o cargo de Presidente do Conselho Científico, órgão chave durante muitos anos - dado que os conselhos directivos nunca punham restrições, nem colidiam, antes acatavam o que vinha do Conselho Científico - seduziu-me desde o princípio... No Conselho Directivo havia uma parte burocrática que não me atraía... Entretanto, a eleição para Reitor anulou essa hipótese porque depois de passar pela reitoria, outros poderiam dirigir a Faculdade... É costume, mas não é regra, os antigos reitores quando muito voltarem a presidir aos conselhos científicos... Depois de ter sido Reitor não devia ser Presidente do Conselho Directivo, que é uma espécie de Vice-Reitor para a Faculdade. Amiúde, os vice-reitores voltam para presidentes dos conselhos directivos ou então são antigos presidentes dos conselhos directivos. Portanto, a partir daí pôs-se de lado a ideia, nunca mais ninguém pensou nisso, nem eu.

Se me permite, o Senhor Professor estava a passar, um pouco, em revista o facto de ter passado pela presidência do Conselho Científico. Foi Vice-Presidente em 1978/79, as coisas seriam mais calmas na Faculdade então?

Ainda não eram completamente calmas, mas trabalhava-se muito bem no Conselho Científico, onde havia pessoas de várias tendências. Era o caso do Doutor Oscar Lopes, do Doutor Ferreira de Almeida, do Doutor Vitor de Sá, do Doutor José Augusto Seabra, do Doutor Baquero Moreno, da Doutora Maria Cândida Pacheco, da Doutora Carmelita, do Doutor Álvaro Penedos e do Doutor Xavier Coutinho. Havia pessoas de várias tendências e dois grupos etários, mas todos alinhavam muito bem com as pessoas mais novas. O Doutor Ferreira de Almeida, o Doutor Oscar Lopes, o Doutor Xavier Coutinho pertenciam ao grupo dos mais velhos, acompanhados, a certa distância, pelo Doutor Vítor de Sá. O Presidente, que o foi durante muitos anos, o Doutor José António Ferreira

de Almeida, era muito meu amigo. Ora, Doutor Ferreira de Almeida, no ano em que fui Vice-Presidente, esteve quase permanentemente em Lisboa, na Comissão de Avaliação dos Corpos Docentes das Universidades, uma comissão que fez, digamos, a triagem da qualificação de professores. A Comissão de História pertenciam o Doutor Ferreira de Almeida, o Doutor José Augusto França e o Doutor Oliveira Marques... lembro-me, pelo menos, destes três. Havia outras das várias áreas do saber dentro das Letras propriamente ditas. O Doutor Ferreira de Almeida poucas vezes estava no Porto, de maneira que eu passei assim, subitamente, a ser *de facto*, durante pelo menos metade do tempo e das reuniões, Presidente, sem comoções de maior. A labuta correu bem. No ano seguinte pensou-se em substituí-lo e a ideia foi esta: «Vamos substituí-lo pela pessoa que ele aceite melhor», e assim foi. Eu votei nele e os restantes votaram em mim, incluindo o Professor Ferreira de Almeida. Bom... sofreu um desgosto porque gostava de ser Presidente do Conselho Científico. Todavia, era o decano, de facto, da Faculdade, isto é, o universitário mais antigo, o professor mais antigo, o doutor mais antigo... Acabou por aceitar muito bem as coisas.

O tempo que estive no Conselho Científico correu sem incidentes de maior, eu tratei sempre dos casos de toda a gente da mesma maneira, com perfeita isenção. Havia um problema muito grave na Faculdade, a falta de instalações, e pensámos que era necessário, na altura das eleições, obter pelo menos um cargo de vice-reitor. Logourgia concorrer. Fizeram-se várias diligências, em que eu não participei, devo dizer, mas numa determinada altura o meu nome começou a aparecer e, a verdade é esta, dentro da Faculdade reunia unanimidade dos núcleos dos alunos, dos professores e dos funcionários, o que não invalidou oposição e invejas que continuam à vista. Portanto, quer os estudantes, quer os professores, quer os funcionários, propuseram-me como candidato da Faculdade. Eu até já tinha dado o meu apoio a outro candidato, mas em face disso tive que me candidatar, forçado pela argumentação de dois colegas que me explicaram que devia ser eu, porque dispunha de apoio. Além disso, recolhia também bons apoios em outras faculdades.

Mas está a falar, digamos, de um movimento de fundo para o lançar como candidato à reitoria?

Não era bem à reitoria, quer dizer, candidatava-me a reitor, mas a ideia era obter a vice-reitoria. Mas eu, desde o princípio, temia passar a reitor... Comecei a ouvir que ia ser eleito.

No seu percurso de vida nota-se sempre um cuidado extremo que tem em não confundir a coisa política com a coisa académica. Penso que isso decorre mais de uma forte identidade académica que investiu desde muito cedo. Como é que foi configurando ou reconfigurando ou consolidando essa sua identidade académica?

Isso tem a ver com a minha maneira de ser. Eu entendo que realmente os professores universitários têm margem para uma boa independência, é indispensável ao trabalho científico e, portanto, empenhei-me sempre nisso. Naturalmente que há paradigmas, mas isso aconteceu por maneira de ser. Eu gosto de política e não estou à margem da política, só que não estou envolvido nem vou atrás de ninguém; em matéria de carreira académica uma coisa é sagrada: não me venham ditar leis de momento, oportunidades ou partidarismos.

Houve nisso alguma influência particular? Por exemplo, o facto de o seu pai ser reitor no liceu...?

O meu pai podia ser independente, mas também sabia que era dependente no sentido de que o reitor do liceu era um funcionário da Direcção-Geral do Ensino Lical. Eu também me assumo como funcionário público, só que, felizmente, estou num lugar que me confere ampla liberdade.

De uma certa maneira... o seu pai também manifestava uma certa independência face aos poderes públicos mediante o investigador que era?

Sim, e sobretudo por não aceitar cargos políticos que lhe foram oferecidos - nunca aceitou. Mas isso é a minha maneira de ser, é uma característica muito pessoal que acabou por funcionar bem, que me defendeu muito, sempre, e que me deu prestígio... Há indivíduos que têm condições para ser independentes, mas não são, porque são medrosos, porque são ambiciosos e, até, porque são *manteigueiros* por feitio. [Risos]

Entretanto, no meio deste seu percurso há uma unidade de investigação que se mantém viva desde 1979: o Centro de Estudos do Norte de Portugal-Aquitânia.

Eu sou um indivíduo de formação francófila - aí a influência do meu pai foi grande - e achei que,

quando surgiu a ideia da reunião com a universidade francesa, não se devia perder a oportunidade, ao contrário de outros colegas, antigos estudantes de doutoramento em França. Eles não estudaram o processo e eu agarrei-a com convicção.

E a iniciativa partiu de quem?

Do antigo reitor da Universidade, o Professor Campos e Matos. Depois, através dele, entendi-me pessoalmente com François Guichard. Mal nos conhecíamos, mas chegámos à conclusão de que podíamos trabalhar em conjunto, como se verifica ao fim de mais de vinte anos...

Desde a sua génese desempenhou o cargo de Director...?

Sim, por proposta dos franceses. Um dos vogais da primeira direcção era o Presidente da Universidade de Bordéus III, o professor Perez, historiador famoso dos Reis Católicos e dos Filipines - redigiu uma boa História de Espanha. Pertenceu à direcção enquanto esteve na presidência.

Mas também reúne uma figura que é nodal em todo este processo o Professor François Guichard. Desde a primeira hora que ele esteve ligado ao CENPA ou...?

Guichard foi o homem da ideia do CENPA Casado com uma portuense, chegou a dar aulas aqui, em Geografia. Ao mesmo tempo, estava a preparar uma tese de doutoramento sobre o Porto - o *Porto: la ville et sa région*. Guichard precisava de um ponto de apoio e lembrou-se de lançar um projecto com duas faces, a saber, as cidades geminadas Bordéus e Porto: duas cidades do vinho, duas cidades marítimas, duas cidades de contra-poder, etc.. Ele e o Professor Pereira de Oliveira, de Coimbra, inventaram o CENPA, mas precisavam de uma pessoa do Porto. Daí a intervenção da Universidade e a minha escolha. A iniciativa teve o apoio do Presidente da Câmara de então, o Engenheiro Veloso, signatário da geminação com Bordéus - então na ordem do dia -, da qual pouco resultou. Entendi-me sem reservas com o Professor Guichard desde a primeira vez que falámos durante o congresso *O Porto na Época Moderna*. Assinámos um convénio, nomeou-se a Direcção. Os franceses escolheram-me a mini porque acharam que eu conduzira aquele Congresso a contento. Arranjámos uma fórmula para Letras que produziu efeitos: de cinco em cinco anos fazia-se um colóquio onde se apresentavam os resultados de investigação realizados.

Que reunia investigadores portugueses...

Portugueses e franceses sobretudo, depois ultimamente espanhóis. Mas o núcleo principal integrava a franceses e portugueses.

Poderá considerar-se um viveiro de investigadores?

Sim. O Gaspar Pereira começou no CENPA com dois livros sobre o vinho, que nós subsidiámos. Estudos sobre minorias religiosas, que o Doutor João Marques depois animou, começaram no CENPA por proposta do Guichard. O impulso originou um Seminário no Mestrado de História Moderna, criou-se um núcleo de pesquisa... Há pessoas que estão fora do Porto, como o Doutor Capela, em Braga, e o Doutor Arroiteia, em Aveiro. Enfim, foram pessoas que estiveram sempre em sintonia com o CENPA

Não exclusivamente ligados à História?

Não, há um grupo de geógrafos. Nós demos apoio a vários geógrafos, apoios explícitos para estagiar em Bordéus; a alguns historiadores também, como o Doutor Ribeiro da Silva, o Doutor João Marques, o Doutor António Cardoso... Verificaram-se apoios expressos e apoios implícitos...

Presidiu igualmente à Comissão de Justiça e Paz, instituída pelo bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes. Que objectivos e funções tinha esta Comissão?

Esta Comissão, como todas as Comissões de Justiça e Paz, em particular as nacionais, defendem os princípios da justiça e da paz. Celebra-se o Dia Mundial da Paz a 1 de Janeiro. O Papa faz sempre uma alocução sobre um tema candente... Nós tínhamos um grupo muito bom de pessoas de várias formações constituído por médicos, advogados, engenheiros, professores, pessoas com formação teológica esplêndida, leigos, genuinamente leigos... e não *beatos*. Discutiram-se os problemas do tempo, uma época muito agitada... O *pivot* da Comissão era o D. António. No fundo, produzia os escritos fundamentais [Risos] e comandava e animava os trabalhos. Os assistentes da Comissão foram padres que ele depois fez bispos - o bispo de Leiria, o D. Serafim, o actual bispo do Porto, o D. Armindo, que antes fora de Viana. Durante o tempo em que eu lá estive fez-se o regulamento e deu-se divulgação aos textos do D. António, discutiram-se esses textos do D. António e o período agitado da vida portuguesa que vivíamos.

O Senhor Professor foi presidente desta Comissão Pontifícia de Justiça e Paz entre...

Eu julgo que entre 1975 a 1980. Fui lá parar neste contexto: uma parte das pessoas que, de longa data, estavam ligadas ao bispo do Porto entraram na política, de maneira que foi preciso reconstituir o círculo de leigos que o aconselhavam, com quem ele gostava de falar. Havia uma forte troca de impressões e reflexões sobre as suas tomadas de posição, corajosas, acutilantes, sobre os problemas do país.

Como é que o Senhor Professor entra nesse círculo de convivência?

Um dos meus amigos que passou para a política lembrou-se do meu nome. Indicou-o ao D. António. Este conhecia-me do tempo do exílio, através de um amigo do meu pai, pessoa de outra geração, com quem mantive conversações culturais e políticas, durante os meus anos de permanência em Lisboa...

O Senhor Professor vem a integrar esse círculo de convivência enquanto humanista laico ou enquanto católico progressista?

As duas coisas combinaram ao meu modo... Demais por razões de independência de pensamento, sou um homem pouco moldável a ordens superiores e D. António era uma personagem de mando. Acho que foi como cidadão católico, mas o cidadão e o católico estão perfeitamente imbricados. Sou um católico e procura assumir a cidadania com toda a independência. Não sou clerical, sou anti-clericalista.

Mas o D. António Ferreira Gomes é uma referência necessariamente...

É um homem com quem eu gostei de conviver pela sua grande envergadura. Ao contrário do que dizem os seus detractores, pensava com rara atenção os problemas do país. Tinha uma cultura vasta... E se há páginas complexas da sua pena, há textos divulgados pela Comissão de Justiça e Paz, de uma clareza e actualidade espantosa.

A nível de diagnóstico...

Por exemplo, desencadeou polémica na altura em que começou a perseguição aos indivíduos da PIDE. D. António tinha sido uma das grandes vítimas deles, mas disse que era preciso tratar do assunto segundo regras porque eram homens, tinham o direito de se defender e com diferentes responsabilidades. Tenho algumas dúvidas se os genuínos agentes diferiam uns dos outros, mas em termos de princípios... Ao D. António assistia razão e só um homem com a sua envergadura e passado estava em condições de o dizer no Portugal de então.

Para finalizar. Não sei se, pelas questões que lhe coloquei, esgotei aquilo que foi representativo da sua experiência de vida académica, pessoal, política, de gestão até à data. Não sei se há algo mais a...

Só para finalizarmos. Eu dei-me com todo o empenho e gosto ao magistério, um dos componentes essenciais da minha vida apesar de todas as derivas. Só não dei aulas quando de todo não pude. A minha carreira sofreu com essas incursões. A passagem pela Reitoria obrigou-me a usar o que estava na base de dados, com prejuízo da pesquisa, dadas as latas e intensas obrigações da função. Por outro lado, eu tive sempre muito gosto em investigar, assim como em participar na vida pública. Hoje é diferente. Não vou a nada e procuro furtar-me a convites. Mas em todo o tempo, gostei sempre de investigar, de ler - e leio umas horas por dia, até mesmo quando não devia.

Outro dos grandes objectivos da minha vida foi dignificar a Faculdade de Letras do Porto. Pensei sempre que não era uma ou duas pessoas que podiam constituir uma secção da nova Faculdade. Importava formar um grupo grande. Urgia constituir esse grupo, e nós chegámos a 1974 sem o ter... Quase oito anos após a refundação esse grupo começava apenas a despontar. Nesse aspecto, eu fiz o que estava ao meu alcance, quer como professor, quer como reitor, quer como Presidente do Conselho Científico, para que a Faculdade se desenvolvesse e tivesse um quadro próprio. Não seria o quadro ideal, mas urgia estruturar a instituição, dotá-la de protagonistas capazes em termos de vida e solidez científica. Importava erguer o edifício adequado à nova Escola. Tais metas decorriam em linha recta da antiga Faculdade de Letras, de cuja existência sempre ouvi falar, nomeadamente das suas grandes virtualidades, mas também das suas carências e das suas debilidades.